

3 Uma viagem sensório-crítica ao passado

3.1 Nava: um percurso crítico re-presentificado

Em *Balão Cativo*, segundo volume das memórias navianas, por meio da retomada do passado, o escritor narra parte importante da sua trajetória de vida e da multiplicidade de aprendizados, essenciais para que ele se tornasse médico, artista e memorialista. Em síntese, a obra apresenta um panorama da formação de Nava como indivíduo, a constituição do seu caráter, considerando os saberes que adquiriu ao longo dos anos, os costumes cultivados por seus familiares, os valores éticos, contraditórios, transmitidos a ele pela convivência com os parentes (paternos e maternos), fundamentais à educação do menino.

Nesse extenso relato, Nava inclui uma descrição minuciosa da sua formação como leitor: as leituras da infância e da adolescência, que tanto o cativaram, as influências decisivas de alguns familiares, como sua tia Cândida e seu tio Sales, dos professores e das bibliotecas dos colégios, de alguns escritores como Eça de Queiroz e, especialmente, das estórias lendárias, contadas pelas negras, advindas da tradição oral, que tanto o encantavam. Essas influências despertaram seu amor pelos livros e, paralelamente, pode-se rastrear a outra face do processo de formação do memorialista, isto é, como o leitor tornou-se escritor.

No caso particular de Nava, sua escrita memorialística se constrói através da exploração do significado da linguagem, mas, especialmente, da materialidade da mesma, evidenciando seus elementos sensoriais, por meio da utilização de marcas estilísticas.

Como escritor, Nava compõe as memórias artisticamente e diverge das propostas memorialísticas de outros autores do seu tempo (ex-exilados, vítimas da ditadura militar, que constroem narrativas de caráter político e polêmico, relatando suas marcas do passado e suas versões dos fatos ocorridos naquele período), deixando-se dominar pela extrema emoção, que *presentifica* o passado e, juntamente com ele, seus fantasmas. Com o propósito de dividir com o público essa

angústia que tanto o atormenta e reavaliar o passado criticamente sob o olhar amadurecido do narrador adulto, no presente, procura fazer com que o leitor o reviva, identificando-se com cenas da vida deste, como se pertencessem a sua própria história de vida. Tal potência de identificação resulta do uso de um estilo peculiar de escrita, capaz de produzir presença (conceito formulado por H. U. Gumbrecht) no leitor, como efeito da leitura. Buscando pôr em prática um modo de escrever equivalente ao preconizado nos pressupostos teóricos de Gumbrecht, o memorialista utiliza recursos estilísticos, tais como as figuras de linguagem, principalmente metáforas e hipérboles, com intuito de enfatizar determinados acontecimentos de extrema importância. Emprega também a reprodução integral de cantigas, provérbios, citações literárias ou didáticas, datas consignadas do diário da avó materna e das falas de outros personagens, ouvidas na adolescência.

Diferentemente de Gumbrecht que, através de seus textos, propõe um novo método para apreensão da história e da ópera a partir da produção de presença, Nava constrói suas memórias com um fim estético, visto que vai elaborando seu pensamento pela arte da escrita. A vertente gumbrechtiana da leitura crítica contrária à interpretação correlaciona-se com as concepções de Susan Sontag, que consistem, sobretudo, na desqualificação do método interpretativo e na valorização do sensorial. Como escritor, Nava mostra-se plenamente integrado a esse modo de compreensão da atividade escritural, trabalhando com a exploração da materialidade da linguagem.

As memórias navianas são organizadas para trazer o passado como produtor das experiências do escritor no presente, pondo em contraponto a perspectiva infantil e a adulta. Tal concretização se dá através da produção de presença, isto é, da sua evocação, por meio de recursos estilísticos engendrados pela mão experiente do narrador, que, quando necessário, suspende seu suposto controle sobre o texto. Esse jogo entre reforço e afrouxamento do controle do narrador sobre o curso do texto evidencia que, assim como Gumbrecht, na experiência da construção de *Em 1926, Vivendo no limite do tempo*, Nava teve um arquivo pessoal a sua disposição para elaborar a obra. Diante do arquivo, o memorialista, em contraponto ao historiador, deixa-se conduzir pelos sentimentos, despertados pelos resíduos de lembranças provenientes da memória involuntária e, certamente, produtores dos efeitos de presença, (Gumbrecht, 2001), que incidem sobre o leitor. Este é, sem dúvida, o impacto mais decisivo das Memórias. No entanto, como mencionado

acima, também encontramos nelas a reinterpretação crítica dos fatos ocorridos na infância, sob o ponto de vista do memorialista, já amadurecido.

Imbuído de um precioso dom artístico, ele traça um painel da sociedade brasileira do seu tempo, procurando documentá-la, criticá-la, julgá-la sob sua perspectiva, depondo a respeito dela, ou seja, trabalha simultaneamente com a produção de presença e a produção de sentido, conceitos formulados por Gumbrecht, que, segundo este, caminhariam lado a lado.

O método escritural de Nava emprega estratégias de controle autoral sobre suas memórias, fazendo com que o leitor pense que ele detém o *poder* sobre sua narrativa, pois, convicto do que está dizendo, o narrador-autor relata sua versão dos fatos, estimulando a produção de sentido. Todavia, sua narrativa é permeada por múltiplas vozes, em alguns momentos, mescladas à do narrador-personagem, com seus restos de lembranças, em outros, explicitando a intromissão de vozes, oriundas dos fragmentos de recordações passadas, tais como a da sua avó materna, Inhá Luíza; as das suas crias, – que fizeram companhia ao menino, cantadoras de músicas folclóricas, contadoras de estórias, transmissoras de saberes lendários advindos da tradição oral, como mitos narrados, canções cantadas, versos declamados, conhecimentos sobre a utilidade das ervas medicinais, ensinamentos referentes ao modo de comer os frutos, etc.; E, ainda, vozes de outros familiares, de colegas; dos professores do Anglo e, até mesmo, do seu alterego Zegão, surgido a partir de *Chão de Ferro*, com o intuito de retratar o lado negativo do caráter do narrador, assumindo a plena responsabilidade das experiências *pecaminosas*, vivenciadas pelo autor.

As memórias navianas são enciclopédicas, porque abordam, com riqueza de detalhes, diversos temas, mesclam saberes da escrita, incluindo o extenso arquivo do narrador, suas leituras colegiais, as cartas que enviou e recebeu, as quais registra na narrativa, até saberes da oralidade, mencionados anteriormente, acrescidos de estórias que o narrador conta, *casos*, que chegaram aos seus ouvidos, transmitidos de uma geração a outra.

Tal multiplicidade de vozes e saberes compõe um mosaico de fragmentos de lembranças, que vai ganhando vida de acordo com a escrita das memórias, evidenciando, constantemente, o extenso arquivo pessoal que Nava, como um *guardião da memória*, armazenou ao longo dos anos, composto de fotos, documentos históricos, reportagens interessantes de jornais da época, correspondências, obje-

tos pessoais, outrora pertencentes a familiares, etc. Esse mosaico, tanto está ligado à produção de presença quanto à produção de sentido, visto que documenta uma época a partir dos registros oficiais e manifestações populares, demonstrando hábitos e costumes do cotidiano das famílias mineiras e o funcionamento piramidal dessa sociedade agrária, baseada em uma estrutura hierárquica de classes. Desdobrada em quadros narrativos, a construção memorialística do mosaico social também dá conta do rompimento gradativo da estrutura agrária tradicional, apresentando, como exemplo de urbanização, o mapeamento da cidade de Belo Horizonte, suas construções, etc. até a modernização dos costumes, em termos de moda, culinária e valores, que delimitariam a moral e a imoralidade, os chamados *bons e maus* costumes.

A narrativa naviana, propositalmente, transita entre passado e presente, porque o homem maduro pretende, com consciência ou não, libertar-se dos tormentos e questionamentos causados por esse passado, ressuscitando seus fantasmas a fim de afugentá-los da memória.

Apesar de retratar sua formação como indivíduo, Nava não segue a ordem sequencial – convencional para os memorialistas do seu tempo –, o que pode ser observado em *Balão Cativo*, volume onde se inscrevem episódios importantes referentes à passagem da infância à adolescência.

Na obra, destaca-se ao longo da leitura o trajeto da educação recebida em casa, no que aí se nomeia a *placenta doméstica*, para o aprendizado recebido na escola. Esta última é representada, especialmente pelos colégios e, sobretudo, os internatos que Pedro frequentou, propiciando-lhe o convívio com os colegas da sua idade e evidenciando para o menino a conservadora e dolorosa hierarquia social, constituída de classes, que *convivem* sem se mesclar, das restrições e exclusões que o pertencimento a uma classe inferior implicariam na sua educação. Todos esses fatos mencionados surgem, mas, frequentemente, fora de ordem, com idas e voltas, caracterizando a *escrita ziguezagueante*.

Sabe-se que os cinco volumes das Memórias tiveram grande repercussão, nos anos setenta e início dos oitenta, quando foram publicados. Presentes nas listas dos mais vendidos, *Bau de Ossos* e os livros que o seguiram, trazem uma história de reação entusiasmada do público desse período diante do passado que a arte narrativa de Nava conseguiu presentificar. Perante uma situação como a que se configura, este estudo pretende investigar as possibilidades de resposta do leitor

contemporâneo – especialmente o leitor jovem – à retomada das Memórias, neste início de século XXI. O caminho percorrido pelo leitor contemporâneo para adentrar a escrita memorialística de Nava será, sem dúvida, a produção de presença. Mas, ele deve considerar que as memórias precisam ser interpretadas, pois os fatos narrados também apresentam um sentido, um significado, uma coerência interna, um propósito documental, levando em conta aspectos como o tipo de vida da sociedade mineira, alicerçada em rígidas hierarquias, a dissolução gradativa da família patriarcal, a relativa autonomia da mulher, até o surgimento de uma sociedade mais moderna, ainda que conservadora.

Há, portanto, duas perspectivas pelas quais o adolescente e o jovem de hoje podem ler as memórias navianas, se for perspicaz o bastante para tanto: a experiência direta com o passado, tendo a ilusão de revivê-lo, oferecida pelo jogo narrativo, que vivifica os fantasmas de décadas atrás, e a atividade de interpretar, da perspectiva atual, o conteúdo informativo e crítico do mosaico narrativo, construído pelo memorialista. Pode lê-las utilizando simultaneamente os dois caminhos, desde que se perceba quando é mais conveniente utilizar um ou outro, captando as múltiplas vozes e experimentos estilísticos do texto, sabendo operar com a simultaneidade, que inclui também a temporal, entre os vários passados, delineados pela diversidade de vozes e os múltiplos presentes.

3.2 As marcas da primeira infância

Nava teve uma formação constituída de um vasto cabedal de saberes, mesclando cultura erudita e cultura popular. As estórias que o menino ouvia dos antepassados, os casos contados em conversas entre as tias que habitaram com ele no sobrado do Rio Comprido, nos primeiros anos da sua meninice, e, posteriormente, aquelas relatadas pelas negras que conviveram com ele em Juiz de Fora, as crias da Inhá Luíza, suas companheiras constantes na solitária chácara da avó materna. Elas preenchiam o vazio do tempo, narrando ao menino, exatamente do modo como ouviram dos seus ancestrais, estórias lendárias diabólicas, fantasmagóricas, de assombrações que *juravam* ter visto, de bichos, etc. Essas narrativas ocupavam uma posição fronteira entre o real e o irreal, constituindo os saberes da cultura popular.

A riqueza e a vastidão dos conhecimentos adquiridos nos colégios em que Nava estudou, o apoio intelectual dos tios Sales e Modesto e, sobretudo, a extensa quantidade de leituras, advinda primeiramente do precioso acervo da biblioteca do tio escritor, que apresentou ao menino inúmeros personagens, acompanhada do incentivo ao hábito de ler, cultivado na fase escolar e estimulado pela multiplicidade de títulos expostos nas bibliotecas dos colégios, constroem a formação intelectual do memorialista.

Sua educação familiar foi marcada por extremismos, causados pelo contraste ideológico, de valores e costumes, proveniente das duas famílias, (paterna e materna), com as quais conviveu. Nas memórias, através das descrições minuciosas do narrador sobre sua vida doméstica, evidencia-se a contrariedade entre os cearenses do Rio Comprido, de tradição liberal e democrática e os mineiros de Juiz de Fora, de tradição patriarcal, conservadora e escravocrata. A amenidade dos primeiros se opõe à brutalidade dos segundos. As narrativas intercaladas que compõem as memórias, particularmente no que se refere às histórias de familiares, dependem dessa oposição entre os dois grupos, pertencentes ao parentesco do escritor: de um lado, os fragmentos de lembranças saudosas dos bons tempos no sobrado do Rio Comprido, de outro, as lembranças dos tempos pouco felizes, vividos em Juiz de Fora.

A contradição de ideologias que se materializava em práticas de vida diversas, marcou profundamente a trajetória do narrador. O modo de viver das duas famílias também era contrastante. Enquanto o cotidiano dos cearenses transcorria normalmente, a vida dos mineiros era conturbada, constituída de altos e baixos, gerando conflitos constantes.

As memórias navianas funcionam como uma enciclopédia, uma vez que abordam uma pluralidade de assuntos. Considerados na sua totalidade, os seis volumes narram a trajetória de uma geração nascida no início do século XX. Paralelamente às etapas de constituição dessa geração, a formação do autor-narrador vai sendo, gradativamente, relatada. Esse relato aproxima as memórias dos típicos romances de formação, surgidos no século XIX.

Na primeira etapa de formação – a doméstica – a escrita naviana recebe uma evidente marca das sensações do corpo, indissolavelmente ligadas às emoções revividas. É desse modo que, ao longo da leitura, acompanhamos a trama das experiências sensório-afetivas e intelectuais do protagonista-personagem, respon-

sáveis pela construção do pilar cultural da estrutura complexa que compõe sua obra literária.

Apesar de digressivo e panorâmico, podendo ser lido de maneira independente, cada capítulo se concentra numa etapa de formação do memorialista, seja no que diz respeito aos hábitos e valores da tradição patriarcal aburguesada, em suas vertentes informais (apreendidas na convivência com a família) e formais (incorporadas através das influências provenientes da escola), incluindo as leituras, em grande parte, estimuladas pelo tio Antônio Sales, seja no que diz respeito aos saberes populares com resíduos africanos (ou afro-indígenas), transmitidos pelos criados e agregados. A combinação dessas múltiplas fontes de aprendizagem pode ter se consolidado na juventude do memorialista, graças à sua participação no movimento modernista mineiro que formalizou, à moda antropofágica, a ideologia de absorção dos diversos elementos culturais.

No quarto volume das memórias, *Beira-Mar*, Nava resgata minuciosamente a constituição do grupo do Café Estrela e a arregimentação em torno dos principais participantes do movimento: Abgar Renault, Emílio Moura, Milton Campos e sobretudo Drummond, que indicou muitas leituras ao memorialista, e de um número grande de jovens da cidade, entre os quais o próprio Nava, a que chamava de “roda de insubmissos estéticos e políticos”, jovens pensantes que intoleravam a passividade – a aceitação da tradição artística, incontestavelmente cultivada até aquele período. O encontro com os *futuristas* de São Paulo, proporcionado pela visita da caravana paulista a Minas, em 1924, agregou os jovens *incendiários* de Belo Horizonte em torno de um ousado projeto estético-cultural de renovação das letras e das artes. Dessa forma, a experimentação estilística, incentivada pela participação nas atividades de vanguarda, forneceu ao escritor instrumentos que, aperfeiçoados ao longo do tempo, auxiliaram o memorialista a construir uma escrita complexa, labiríntica, envolvente e fascinante, que enreda o leitor a ponto de gerar nele sentimentos conflituosos, encantando e chocando simultaneamente. Nava dialoga com o leitor, estabelecendo com ele, através da ativação, do estímulo aos elementos sensoriais, uma relação de presença, na qual as reações e movimentos do corpo e da mente, inscritos no texto, afetam profundamente sua sensibilidade e sua inteligência, desde que ele seja perspicaz o suficiente para apreender o texto naviano na sua totalidade.

Na primeira infância, o memorialista, mudou-se de sua terra natal, Juiz de Fora, juntamente com os pais e irmãos, para o Rio de Janeiro, onde dividiam uma grande residência, no Rio Comprido, com a família paterna, que convivia harmoniosamente em ambiente acolhedor e agradável, numa atmosfera de felicidade. Esse período é retratado no primeiro volume das memórias, intitulado *Baú de Ossos*, como o mais feliz da infância do escritor, conforme se verifica nos seguintes trechos:

(...) quando meu pai deixou Juiz de Fora e mudou-se para o Rio veio morar com suas irmãs. Estudante habitara a Rua do Mundo Novo em companhia de meus tios Cândida e Júlio Longa Freire e, com Alice e Antonio Salles, uma pensão à Rua Marrecas 24. Quando aqui chegamos, reunimo-nos, em Aristides Lobo 106, as minhas tias Cândida e Maria Euquéria, a minha prima-irmã Maria, filha da primeira, e a minha tia-avó Maria Pamplona de Arruda. Pouco depois da nossa vinda, foi a dos Salles, tornando a chegar do Ceará. (Nava, 1972, p. 335-336)

(...) quando caio no fundo da fossa, quando entro no deserto e sou despedaçado pelas bestas da desolação, quando fico triste (...), só quero reencontrar o menino que já fui. Assim, quantas e quantas vezes viajei, primeiro no espaço, depois no tempo, em minha busca, na de minha rua, na do meu sobrado... (Nava, 1972, p. 301)

Pode-se observar que, em meio às informações mais neutras, o emprego da linguagem do adulto (ou velho), que usa metáforas hiperbólicas e tom lírico para evocar o passado, indica sua nostalgia desse momento único e feliz da infância. Além de causar impacto no leitor, o excesso de hipérboles na passagem acima, tais como: *fundo da fossa, no deserto*, (“despedaçado pelas bestas da desolação”), sugere a intensidade da saudade do narrador diante dessas reminiscências infantis e a imperiosa necessidade que o memorialista adulto tinha de alimentar-se desses fragmentos de lembranças.

Com a morte do pai – ídolo em quem o menino se espelhava –, o *mundo* de Pedro, construído afetuosamente ao lado dos parentes paternos, no qual reinava uma atmosfera de bondade extrema, desmoronou, pois ele perdeu sua referência quando a família se mudou para a casa da avó materna, Inhá Luíza, em Juiz de Fora. O ambiente familiar mineiro não era convencional. Com essa mudança repentina, o menino sentia-se perdido e confuso, pois o contraste comportamental entre as duas famílias era impactante. A avó não era a avozinha querida (esse papel era desempenhado por Ana Cândida, mãe de seu pai). Essa inversão de papéis na ordem social e familiar gerou uma contradição marcante na caracteriza-

ção dos dois ambientes. Enquanto o Rio Comprido era evocado em uma linguagem lírica, a descrição da casa de Juiz de Fora, dominada pela avó materna era ambígua, oscilando entre, de um lado, certo lirismo tendente à auto-piedade e, de outro, o humor caricatural, as expressões agressivas, que ressaltam a crueldade da Inhá Luiza.

Em virtude da orfandade do menino e da conseqüente mudança para Juiz de Fora, em circunstâncias desfavoráveis, houve um rompimento cruel da rotina de Nava, bruscamente atirado em um ambiente hostil, visto que a avó, Inhá Luiza, era uma figura austera, autoritária (o oposto da outra) e contraditória, *seca* com aqueles que não caíam no seu agrado e *doce* com seus preferidos.

Soberana da chácara em que habitava, criadora das suas próprias leis, parecendo ignorar a abolição da escravatura, ela ainda mantinha o regime de escravidão com requintes de crueldade, imposto às suas crias, obrigadas a trabalhar cantando. O canto era um modo eficaz, utilizado como instrumento de fiscalização do trabalho e manutenção do poder.

Nem a família Nava nem o menino eram preferidos da avó, ao contrário, não foram bem recebidos por ela em sua residência. Apesar de tão áspera e distante, evitando, ao máximo, a convivência com o neto, a Inhá Luíza era admirada pelo menino, por sua personalidade forte, por seu poder de liderança, sabendo comandar tudo com mãos de ferro, com extremo zelo e autoritarismo, contrastando com o comportamento sereno da avó paterna. A seguinte passagem a caracteriza:

A D. Maria Luísa da Cunha Jaguaribe tinha dupla personalidade. Tanto era áspera e desagradável para os que não lhe calhavam, como charmosa e delicada para os que lhe caíam no gosto. Duas consistências, que nem cambucá: casca grossa, miolo doce. (Nava, 2000, p. 32)

Observa-se o uso constante de palavras que indicam contraste, procurando mostrar as oscilações repentinas de humor da avó materna, o que confundia e desorientava o menino. Esse autoritarismo refletiu-se na educação doméstica de Nava, uma vez que ele vivia amedrontado, aprisionado no silêncio das suas observações. Diferentemente dos parentes paternos, gentis e amigos, os maternos eram grosseiros e frios. Intolerantes, ou não conheciam o significado da palavra afeto ou não nutriam esse sentimento por Nava, até porque não tiveram contato com ele nos primeiros anos da infância, o que permitiria maior aproximação, estimulando

a construção de um relacionamento mais afetivo entre eles. O menino era obrigado a viver naquele ambiente hostil e, diariamente, respirava essa atmosfera de indiferença e distanciamento dos parentes em relação a ele e à sua família.

Portanto, conclui-se que as memórias evidenciam o choque de ideologias e valores diversos, transmitidos por famílias díspares, os quais Nava foi incorporando ao longo da sua existência. A influência desses valores contraditórios faz com que ele, simultaneamente, descreva, com ardor, sua raiva infantil diante da figura incômoda da avó, maltratando as *crias da casa* e, como narrador adulto, deslize para uma linguagem preconceituosa, com denominações no diminutivo, tais como *negrinhas*, denominações que dão um tom pejorativo ao texto, escapando da pretensa interpretação crítica do narrador. Uma expressão que demonstra, ironicamente, certo preconceito é a seguinte: “E a receptividade para a raça”, (Nava, 2000, p. 9). É como se houvesse apenas uma aceitação superficial das negras, da sua presença constante, por influência da formação familiar do escritor, que, conscientemente ou não, cultivava sentimentos de superioridade, fazendo questão de preservar a hierarquia familiar. Para perceber e identificar essa oscilação entre o empenho crítico e autocrítico do escritor e suas eventuais derrapagens em sentimentos preconceituosos, oriundos das raízes familiares, caberá ao leitor apreendê-la das entrelinhas do texto.

Além do desamparo da orfandade e da mudança para um ambiente pouco receptivo, na volta a Juiz de Fora, Nava se ressentia por não ter amigos. Vivia só, em companhia das *crias da casa*, figuras mais velhas sendo, contudo, muito bondosas, de acordo com o seguinte fragmento: “Dela e da Rosa eu me lembro como de irmãs mais velhas e as duas habitam, incorruptíveis, o melhor de minha lembrança.” (Nava, 2000, p. 6) Deolinda e suas companheiras brincavam com o menino e contavam a ele muitas histórias de assombrações, bichos, etc. o que assustava o pequeno Pedro, de apenas oito anos, mas ampliava seus saberes míticos, folclóricos. Percebe-se, no curso desse relato, o jogo textual feito pela oscilação entre história e ficção, entre o universo da realidade e o da fantasia, quando o memorialista afirma que vivia com as crias, suas amigas, “entre o real e o irreal”, (Nava, 2000, p. 9). As estórias folclóricas das negras e os versos que elas declamavam propiciaram ao menino o contato com outro universo cultural: o da cultura popular – precioso legado proveniente de uma tradição oral, cultivada por inúmeras gerações, que permanece viva na contemporaneidade. Essas influências foram

fundamentais à primeira etapa de formação do narrador e para o seu amadurecimento intelectual.

Outras passagens são citadas com intuito de enfatizar a importância da presença marcante e afetuosa daquelas babás negras na vida do menino e na composição dos fragmentos de lembranças, tanto quanto na ampliação dos saberes folclóricos:

Ela e as outras se recortam na minha memória como sombras graciosas, como o friso de uma jarra antiga, como silhuetas mitológicas descendo a encosta do cabo Sounion, ao pôr-do-sol, contra céu impassível e mar temível. Ânfora que ficou da infância, cheia de suas formas e do forte cheiro daquelas adolescências brunidas pelo suor do trabalho doméstico. Ancilas... O tal de complexo ancilar. Ancilas - servas! do sinhô, dos sinhozinhos e faça-se nelas... Pois, como eu ia dizendo, essas negras ficaram na memória, onde tinham entrado por todos os sentidos. Pelos olhos. Pelos ouvidos. Pelo olfato. Pelo tato. Pelo gosto da comida simples e clássica da Lúcia, da Justina, da Rosa, da Deolinda. (NAVA, 2000, p. 7-9-10)

No início da citação acima, delineia-se um retrato verbal de Rosa e suas companheiras, utilizando termos que conotam beleza harmoniosa. A comparação – de algum modo inesperada – entre a fabulação popular íbero-afro-indígena e a imagem da *jarra antiga*, provavelmente de origem grega, serve para demonstrar como Nava, apesar de suas contradições, percebidas ao longo da obra, exercia a crítica social e estética, em suas memórias, deslocando as referências entre o erudito e o folclórico.

Outro aspecto a ser explorado, é o da metalinguagem: A articulação cuidadosa, no parágrafo citado, entre as imagens de diferentes sensações é explicitada em seguida, literalmente, quando todos os sentidos são nomeados a propósito da lembrança das *crias da casa*.

Registrou-se, acima, que uma das fontes de sofrimento do menino, transformada em indignação e antipatia pela avó materna, era a rispidez autoritária com que ela tratava suas empregadas:

(...) Porque minha avó exigia que elas trabalhassem cantando - o que era maneira de fiscalizá-las pela inflexão da música, de impedir conjuração de preto e de juntar esse útil ao agradável das vozes solfejando. Ora era uma modinha inteira que vinha da memória e da garganta de ouro da Rosa, fazendo desferir em trenós, palavras mais lindas, meu Deus! como batel, virginal, quimera, vergel, albente, alaúde, bardo, de balde, eviterna, brisa, langor. Era, por exemplo, o Gondoleiro do Amor, eram os olhos negros, negros como as noites sem luar, quando a praia beija a vaga, quando a vaga beija o vento. Outras cavatinas, aos pedaços, cantadas por uma, por outra, batendo roupa, ralando coco, picando lenha. O metro também vinha aos

pedaços e transcrevo os versos como os ouvia... Só a Justina não cantava.
 Fui passar na ponte,
 A ponte estremeceu...
 Água tem veneno, maninha!
 (...)
 Quem bebeu, morreu.
 Quando subires a encosta,
 Podes, ao longe, avistar
 Brancos morros, alva costa,
 Céu azul e verde mar. (Nava, 2000, p. 11-12)

Nos fragmentos citados, Nava usa artifícios estilísticos como a ênfase dada a todos os sentidos, sobretudo ao cheiro, característico das *crias* da Inhá Luíza, como se o narrador pudesse ressuscitá-las através dele. O memorialista também busca resgatá-las do passado por meio da transcrição integral dos versos recitados, do modo como foram transmitidos a elas, com o intuito de *produzir presença* no leitor. Pode se identificar também o destaque predominantemente sonoro, que deixa em segundo plano o sentido das palavras, enfatizando a materialidade linguística, quando o texto naviano comenta a cantiga de Rosa. Antes de trazer os versos para compartilhá-los com o leitor, o memorialista transporta-se à meninice, destacando os termos, certamente desconhecidos, cujo som o encantava. Esses termos, admiráveis em sua musicalidade, por si só, davam um tom melodioso às modinhas, fazendo-as soar mais agradáveis aos ouvidos. Alguns deles, como *virginal* e *vergel* produzem aliteraões; outras, apenas reforçam as repetições vocálicas, com o uso do assíndeto, como *albente* e *alaúde*.

Cabe lembrar, aqui, o que Paul Zumthor, em seu texto intitulado *A poesia e o Corpo*, sendo parte da obra *Escritura e Nomadismo*, denomina *vocalidade*:

Falo de *vocalidade*, evocando através disso uma operação não neutra, veículo de valores próprios, e produtora de emoções que envolvem a plena corporeidade dos participantes. Pouco importa o estatuto do texto comunicado, seja ele preparado ou improvisado, fixado ou não por uma escrita anterior. Disso tudo eu só retenho que, num instante determinado, este texto foi transmitido por uma voz humana e que (mesmo que ele fosse, por outro lado, objeto de cem leituras solitárias, puramente visuais) este exato instante o transformou em um monumento incomparável, porque único. (Zumthor, 2005, p. 141).

Conforme o fragmento mencionado anteriormente, a tradição de que Rosa, Deolinda e as outras eram transmissoras é a tradição da oralidade, que, assim como a literatura medieval que Zumthor estuda, comunica-se através do corpo. Na construção de uma escrita moderna, como a das Memórias, destacar o valor da

vocalidade equivale ao registro de falas como as de Rosa e suas companheiras, cuja sabedoria, feita das experiências de transmissões orais de remanescentes, Nava intuiu, como criança, através do afeto, e, como narrador adulto, pode reforçar através das experimentações estilísticas, verificadas ao longo da obra. Dessa forma, o texto de Nava inclui a energia da presença corpórea, adaptando sua escrita aos ritmos dos mitos e ritos apreendidos no convívio com as moças negras e mestiças, com objetivo de *produzir presença* no leitor.

A educação de Pedro Nava foi muito conservadora, em nome da preservação da *moral* e dos *bons* costumes. O menino vivia reprimido e atormentado pelos conflitos, temores, fantasmas das interrogações constantes, sobretudo ligadas à religião, ao medo do pecado e à sexualidade. Nesse último aspecto, contou com o companheirismo do primo para *aprimorar* seus conhecimentos, aprendendo sobre termos relacionados ao sexo, à pornografia, através da busca de ilustrações de livros do escritório do avô e da consulta a dicionários. Nava pôde conhecer detalhadamente as partes íntimas do corpo humano, os órgãos genitais do homem e da mulher, sobre que ele nunca se atreveria a perguntar aos adultos, pois qualquer questionamento, por mais simplório que parecesse, era imoral e proibido. Em alguns casos, as dúvidas perturbavam e confundiam mais as mentes dos meninos, pois não havia diálogo de adultos com crianças nem sequer menção à sexualidade, considerada tabu na época. Como o primo era mais velho, passava esses ensinamentos da anatomia humana ao memorialista, quando menino, o que contribuiu para despertar nele o profundo interesse pela medicina. Os dois pesquisavam juntos em dicionários e livros de anatomia, fazendo inúmeras descobertas, como se verifica no seguinte trecho:

Putá. Talvez nessas quatro letras estivessem, em síntese formal, as verdades difusas que eu ainda não configurava. Era isso. Putá. Eram certas alusões sibilinas dos grandes. A pressa com que éramos postos para dentro quando apareciam, tangidos pelas pedras dos moleques, cachorros presos pela bunda. Aquelas carreiras rubras do galo, seu pulo triunfal sobre as galinhas submetidas, o tremor das penas. O ovo, o mistério do ovo. Os panos sangrentos escamoteados como se tivessem servido a um assassinato. Putá. Era aquilo. Não resisti e perguntei. O que é puta, Seu Antônio? Ele nem hesitou. Putas, mó m'nino, são mulheres que dão. Mais não disse e deixou-me perplexo. A mim e ao Tonsinho. Dão o quê? Santo nome de Deus! Que dão elas? Esse dar intransitivado e assim reticente perturbou-nos profundamente. Meu primo, mais velho dois anos, já com algumas luzes propôs que esclarecêssemos esses mistérios no dicionário do escritório de meu avô. Fomos à noite, quando os grandes estavam distraídos, recebendo a visita das Gonçalves. Era o Faria, Eduardo de Faria, o *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*, edição de 1851, cujos quatro volumes passamos doravante a palmilhar, aprendendo tanto como se o fizé-

ramos à Rua do Sapo. Fomos ao verbete e oh! deslumbramento: abriram-se os batentes das remissões e fomos mandados a *meretriz*. Procuramos a letra M depois de nos termos enfronzado às pressas de putanheiro, putaria, putear, putinha, puto. Com meretriz ficamos verdadeiramente edificadas e o Tonsinho e eu olhamo-nos graves como sábios no limiar das descobertas definitivas. Então, era aquilo mesmo. Lá estava.

MERETRIZ, s.f. (Lat. meretrix, cis, de merx, cis, mercadoria, ou mercês, paga) prostituta, mulher que concede os seus favores obscenos por dinheiro; puta; mulher-dama.

Não largamos mais o dicionário. (Nava, 2000, p. 60-61).

Percebe-se, aí, que a redação do início do parágrafo é construída em períodos curtíssimos. Essa forma de sintaxe, de certa maneira, concretiza a descoberta fragmentária e hesitante dos assuntos tabu, em função do susto e da curiosidade tensa dos meninos, satisfazendo-a e, em contrapartida, indica o encaminhamento interpretativo, delineado pelo memorialista, para as lembranças da sua educação informal e secreta. Observa-se, portanto, que o escritor trabalha com a simultaneidade, desafiando o leitor, uma vez que o convida a jogar o jogo textual, aliando as duas vertentes: produção de presença e produção de sentido. Para apreender inteiramente esse trecho, o leitor deve ser capaz de perceber as estratégias concretizadoras do estilo do narrador (produção de presença) e compreender o significado interpretativo delas (produção de sentido).

O parágrafo citado traz uma espécie de ritmo rápido e entrecortado, simulando a respiração ofegante dos meninos, que temiam serem flagrados em atitude proibida, e, ao mesmo tempo, caracterizando o impacto das definições sucintas e enigmáticas do dicionário, literalmente transcritas que, se por um lado esclarecem, por outro instigam, geram maiores questionamentos, aguçando a curiosidade dos meninos. Como afirma Zumthor, Nava exemplifica a “vontade de restituir à linguagem sua virtude mímica”, isto é, de “imitar os ritmos vitais do homem” (Zumthor, 2005, p. 154), trabalhando com a materialidade da linguagem para simulá-los.

A pesquisa dos meninos ao dicionário incluía tanto a linguagem verbal quanto a visual. A duplicação das linguagens reforça a busca de apelo sensorial da escrita naviana e revela a falta das outras sensações (táteis, olfativas, etc.), que as crianças só podem imaginar por não terem, ainda, vivenciado essas experiências diretamente. Através de uma linguagem sensorial, Nava faz com que o leitor também sinta o impacto profundo e inusitado das descobertas feitas pelos meninos,

referentes a termos relacionados à sexualidade, demonstrando a relativa satisfação da curiosidade deles sobre o assunto, tão estimulante.

A escrita das memórias causou impacto, na época de sua publicação, por documentar detalhadamente uma sociedade, seus hábitos, seus costumes, sua moda, sua culinária, objetivando produzir presença no leitor, enfatizando a maneira pela qual os indivíduos eram formados e educados. O aprendizado com as *crias* da avó, com o primo, além do convívio com os colegas, nos Colégios em que estudou, as histórias narradas por eles e as experiências coletivas, vivenciadas pelo narrador, incluindo as histórias diabólicas, de fantasmas, as receitas caseiras de doces, as crendices populares sobre a utilidade das ervas medicinais, a introdução ao mundo da sexualidade e a vida corriqueira das ruas da cidade, tudo somado constitui o vasto cabedal de saberes populares do memorialista.

Paralelamente a esse relato da educação informal, surgem as indicações sobre o início da educação formal, na escola. Após a mudança para Juiz de Fora, a mãe de Nava o enviou ao colégio Andrès, em 1909, aos seis anos:

Uma das primeiras providências que ela tomou em Juiz de Fora foi fazer-me voltar ao Colégio Andrès. Por pouco tempo. Não sei bem o que houve com as professoras e minha Mãe porque esta, apenas vagamente e uma vez, referiu-se ao fato. Parece que ela se atrasara no pagamento das mensalidades e logo as Andrès demonstraram má vontade e puseram empecilhos à minha continuação no seu externato. Nunca lhes quis mal por isto. Elas ficaram dentro em mim resguardadas pelas minhas primeiras impressões do colégio e pelas doces lembranças da sala de jantar onde aprendi a ler do grande relógio batendo o carrilhão do meio-dia, da palmatória simbólica, da tinta roxa, das letras caligráficas, das cartilhas com Eva, Ivo, ave, uva, vovô... (Nava, 2000, p. 49-50)

A palmatória, que naquele tempo era ainda muito utilizada, permanecia num canto da sala, servindo apenas como instrumento simbólico para manutenção da disciplina. As distintas senhoritas ensinavam caligrafia, leitura, catecismo e aritmética. Dessas matérias, o narrador das Memórias detém-se somente na primeira. Sendo uma escola doméstica, de tipo familiar, o Colégio Andrès não permitia, ainda, que Nava enfrentasse os desafios da *vida pública*. O relato desse tempo não retrata o menino em conflito com o mundo. Seus coleguinhos de turma mal são lembrados, como ele próprio faz questão de afirmar na seguinte passagem: "Vejo-os, sem detalhe fisionômico ou contorno físico – esvanecido no ar da sala de jantar (das Andrès) ou no recreio, diluídos ao sol como as figuras de confete da arquibancada do Circo de Seurat" (Nava, 1972, p. 268-269).

Posteriormente, Nava foi para o colégio Lucindo Filho, depois denominado Machado Sobrinho, pois a mãe lutava bravamente, sacrificando-se ao máximo para que o escritor retomasse e prosseguisse seus estudos, de acordo com o excerto a seguir: “fui levado por minha Mãe a matricular-me no Colégio Lucindo Filho, onde se ministrava instrução ‘principalmente moral’, ‘sobretudo cívica’ – como declamava o seu pomposo diretor.” (Nava, 2000, p. 50).

Lucindo Filho era um colégio muito fraco. O ensino, um verdadeiro fracasso, pois o diretor só se preocupava com a bela retórica ufanista e dispensava o saber disciplinado. Além disso, havia uma completa desorganização no currículo escolar, conforme o fragmento a seguir:

Nunca soube em que ano estava matriculado. Tinha aulas desencontradas, onde aprendia noções de Física e Química, verbos irregulares franceses, Instrução Moral e Cívica, História do Brasil, leitura da “Seleta em Prosa e Verso e dos Contos Pátrios.” Nunca tive aula sequer de Geografia e de Aritmética. Tomavam-me vagamente as lições. Eu gostava de ficar pelos cantos e mal me lembro de alguns colegas. (Nava, 2000, p. 54)

A figura da professora descrita acima retrata bem a educação repressora da época, que tolhia os alunos de tudo, mantendo-os sempre calados e temerosos. O professor se comportava como inimigo do aluno para impor autoridade e respeito.

A D. Alvina era uma pessoa seca e elegante de corpo, muito morena, de olhos muito verdes dentro de olheiras negras que lhe davam uma expressão de coruja, nariz de ave e uma admirável prótese dentária em que só se viam incisivos e todos da mesma cor esmeraldina das pupilas. Não ria nunca. Era de uma antipatia solene e sem jaça... Além de furtar-me os selos, ela quase me arrancava nacos de pele, pois me levava aos beliscões. E com que sadismo... Eram arrochos sabiamente prolongados e voluptuosamente bem torcidos. Jamais odiei ninguém como a essa harpia que vinha, depois da Diomar Halfeld, para atormentar a minha infância. (Nava, 2000, p. 53)

No colégio Lucindo Filho, o menino pôde conquistar algo muito precioso, em detrimento do saber intelectual: a liberdade de circular só pelas ruas de Juiz de Fora e solidificar o aprendizado da pornografia, cujo *curso completo* foi concluído com os ensinamentos do seu primo Tom, conforme o seguinte trecho:

Entretanto, mais importante que a Instrução Moral e Cívica, que o Castelo de Faria e a liberdade que eu conquistara de ir e vir nas ruas de Juiz de Fora e que devo também ao Colégio Lucindo Filho – foi uma sólida introdução à pornografia e à sacanagem. Naquele tempo não se aprendia em aula, com professoras. Era no recreio, com os colegas. Em uma semana fiquei conhecendo todos os nomes da anatomia chula. (Nava, 2000, p. 55).

O tom irritado do memorialista, ao tratar das escolas ineficientes que frequentou, torna-se mais leve e até irônico quando revela sua esperteza de menino ao transformar a desorganização das escolas improvisadas em escape para a liberdade das conversas proibidas e da perambulação pela cidade. Era a retomada do fio narrativo da formação pela via da experiência casual, capaz de despertar curiosidades produtivas e, afetando o corpo, burilar a sensibilidade do aprendiz surpreendido pelo transcurso da vida.

Em comparação com o pouco que recebia na escola, nessa época, a formação familiar contribuiu para o amadurecimento intelectual do memorialista. Sua avó paterna constantemente lhe enviava livros, despertando, dessa forma, o gosto de Nava pela leitura, fato corroborado através do fragmento citado a seguir:

(...) minha avó paterna com dedicatória que não esqueci: “Pedro, não podendo mandar-te o meu, mando-te o de Edmundo de Amicis. Tua Nanoca.” Era o “Coração”. Hoje tenho a impressão de que o livro, de um “mozarlismo” lacrimajante, é uma espécie de “Contos Pátrios” italianos. Mas naquela época, comoveu-me profundamente. Sofri com aquelas crianças e professores simbólicos, aquelas mães e pais emblemáticos. Depois é que vi que eles têm alguma coisa da intencionalidade e da esquematização inocente que Ronald de Carvalho descobriu nos bichos de La Fontaine. Só que estes riem, invectivam, cantam e lutam, enquanto a fauna de Edmundo de Amicis só faz chorar e se comprazer no rimpianto. (Nava, 2000, p. 68-69)

Mais do que as escolas alfabetizadoras, foi a multiplicidade de leituras, a que Nava, posteriormente, se dedicou, o elemento decisivo da sua formação. A figura do escritor Antonio Sales, casado com uma tia de Pedro, ganha destaque, visto que foi seu grande introdutor no mundo dos livros. Sua formação intelectual, iniciada no internato do Anglo Mineiro e no Colégio Pedro II, reforçou-se pelo incentivo do tio à leitura, incluindo catálogos e listas telefônicas, a extensa variedade de livros que ele cultivava na biblioteca da sua residência, o contato muito próximo que teve com o próprio tio escritor e os autores mais ilustres da literatura brasileira na Livraria Garnier, além do convívio com a literatura inglesa, portuguesa (Eça de Queiroz) e francesa. Esse vasto cabedal de leituras, ao lado da variedade de disciplinas ministradas nos dois colégios (disciplinas incomuns na atualidade, como o latim, o francês, uma matéria do Anglo intitulada Trabalhos Construtivos, etc.) compõem os conhecimentos eruditos do memorialista.

Na passagem anteriormente citada, sobre o *Coração* de Amicis, presente da avó paterna, observa-se o amadurecimento de Pedro como leitor. No entanto, cabe

distinguir as diferentes vozes narrativas, que compõem o parágrafo. Nele, as opiniões do menino, que lia as histórias comovido, se entrelaçam às considerações do homem adulto, que passava a achá-las de uma ingenuidade absurda e extremamente melodramáticas, tendo amadurecido um olhar analítico, de leitor crítico sobre elas. Isso significa que houve um *crescimento* gradual, ao longo dos anos e das experiências escolares, que fez com que Nava, no desejo de alcançar horizontes ainda inexplorados, através da leitura, desistisse de ler livros daquele estilo, que já não supriam suas necessidades, e fosse buscar obras com conteúdo mais complexo nas prateleiras da biblioteca do Anglo Mineiro e da casa do tio Sales. Essas observações dão conta das estratégias escriturais do memorialista cujo objetivo é causar profundo impacto no leitor que atenda plenamente às exigências narrativas, sendo apto não apenas a compreender o texto mas a perceber suas entrelinhas, materializando, através dos jogos de linguagem, as sensações e percepções da juventude e, simultaneamente, inserindo considerações avaliativas sobre sua trajetória.

3.3 Saberes e sabores de um novo mundo

Na capital mineira, onde os Jaguaribe chegaram no fim de 1913, Nava teria, enfim, a chance de viver sua primeira experiência escolar significativa, pois, aos onze anos, foi matriculado em regime de internato no colégio Anglo Mineiro, aberto em 1914. O Anglo era uma escola revolucionária, metodista, de educação inglesa, que divergia do sistema educacional da época, por ser mais liberal e conscientizadora. O colégio tinha um projeto pedagógico que combatia ferozmente o catolicismo das escolas tradicionais da cidade, comandadas pelo clero. Para tanto, ministrava-se um ensino laico e propunha-se a ginástica e os esportes em detrimento do latim. A filosofia do estabelecimento não poderia ser outra senão *Mens sana in corpore sano*. Professores mais bem preparados e sérios em seu ofício, atividades esportivas, excursões pelo campo, bem à moda européia, convívio com os colegas – tudo contribuiu para o narrador reconstituir, emocionado, sua primeira experiência fora de casa, conforme a seguinte passagem: "Ia viver por mim mesmo, arranjaria novos amigos e começaria a ter os primeiros inimigos" (Nava, 2000, p. 135).

Havia uma rigorosa organização no colégio, inclusive rigidez da disciplina

escolar. O método era revolucionário em relação às escolas mineiras que Nava tinha frequentado. Além disso, o currículo do Anglo era diferenciado, pois havia inúmeras disciplinas distintas do tradicional currículo escolar, como uma que o narrador, repetindo seus professores ingleses, intitulou Trabalhos Construtivos. A prática de esportes também era incentivada, sobretudo o futebol e havia um dinamismo das atividades, que não se limitavam às salas de aula, sendo anticonvencionais, tais como excursões exploratórias, a plantação, o cultivo diário e a colheita de legumes e verduras na horta do Colégio, produtos que eram comprados pelo diretor, servindo de estímulo e aprendizado aos alunos.

O modo pelo qual o capítulo é redigido comunica o impacto da convivência nova e do regime de internato sobre o narrador, como se verifica na seguinte passagem:

Não sei em que diabo de dicionário o Jones aprendeu a traduzir por "oficinas". (Posso ir às oficinas? Mr. Jones. Ele próprio, no fim do estudo da noite, para elas nos mandava. Now, boys, go quietly to the oficinas y despues vengan para subirmos as escadas and enjoy un bon sono with gorgeous dreams. Em pouco tempo eu iria adquirir prática do charábia baraguinado pelo nosso vice-diretor - que era uma mistura de castelhano, português e inglês.) À passagem das oficinas angulava-se para a esquerda e, sempre coberta, ia ter à entrada lateral do térreo do pavilhão dos menores. Mais para o alto era a magnífica edificação da ginástica e por ela se ganhava o famoso "tanque de natação", dos anúncios do colégio. (Nava, 2000, p. 130).

O choque da mescla de palavras estrangeiras, transposto da fala dos professores para o texto, imitando uma gravação, tanto quanto da passagem rápida de um assunto a outro (os colegas, as salas, os pátios, as palavras técnicas e as expressões coloquiais, a adaptação canhestra de termos ingleses para o português) mostra-se o mais importante, na construção do parágrafo, transmitindo o tom de novidade e expectativa à leitura. A mistura da fala dos professores ingleses ao português demonstra não apenas o contraste entre as diferenças culturais, mas a relativa absorção de uma cultura pela outra por meio das marcas linguístico-estilísticas, evidenciadas em um trecho no qual o narrador, em tom humorístico, reproduz a fala confusa do vice-diretor, que mistura diversos idiomas: "Now, boys, go quietly to the oficinas y despues vengan para subirmos as escadas and enjoy un bon sono with gorgeous dreams. Em pouco tempo eu iria adquirir prática do charábia baraguinado pelo nosso vice-diretor – que era uma mistura de caste-

lhano, português e inglês.” (Nava, 2000, p. 129). Essa mescla caracteriza a intensidade da influência de uma cultura na outra por meio da linguagem.

Nava simultaneamente ironiza e admira o sistema inglês, muito metódico, rigoroso e imutável em alguns aspectos, construindo uma escrita na qual se condensam as perspectivas infantis e adultas. Para o leitor contemporâneo, o choque estimulante pode fazer as vezes de experiência vivida, mesmo que mediada pelo texto escrito.

O ingresso no internato marca a segunda fase da vida escolar do escritor. Por um lado, a condição de aluno interno possibilitava viver o ambiente do colégio mais intensamente, inaugurando-se uma ligação afetiva do estudante com a escola; por outro, seu horizonte se ampliava no ensino diversificado e cosmopolita que ali se ministrava. Além disso, estudar no Anglo também significava cortar o cordão umbilical que o prendia à casa da mãe, à placenta doméstica, passo decisivo para o alcance da plena autonomia. Lá, o memorialista viveu suas primeiras experiências relevantes com os colegas da sua idade, as primeiras explorações e descobertas, de acordo com o seguinte excerto:

Ficamos tomando posse de nossas camas, admirando os formidáveis penicos de baixo delas, colocando nossos bauzinhos, olhando o Cruzeiro e o Curral pelas janelas que o Jones nos recomendara jamais fechar e dormir com elas abertas fizesse frio, calor, ventasse ou chovesse. Era o “sistema inglês”, começando a funcionar. Olhávamos também as entradas do dormitório onde as portas completas tinham sido substituídas por umas de mola, de vaivém, envernizadas de castanho e guarnecidas, em cima, de uma série de torneados parecendo peões dum jogo de xadrez. Rangiam ao serem abertas e ficavam largo tempo pra-lá-pra-cá - diminuindo aos poucos. Não chegavam ao chão e nem à bandeirola, no alto. Finalmente, olhamos, os cinco, e começamos a tomar posse uns dos outros. (Nava, 2000, p. 135).

O uso do diminutivo *bauzinhos* dá uma conotação afetiva àquele momento único, de intenso deslumbramento dos meninos com o colégio e com os colegas, descobrindo-se uns aos outros, sobretudo do narrador que iria viver por si mesmo, como enfatiza ao utilizar a frase: “Olhamo-nos os cinco e começamos a tomar posse uns dos outros” (Nava, 2000, p. 135). Ele se mostrava feliz com a possibilidade de ampliar seus horizontes, tanto no plano social e afetivo, fazendo amizades, como no plano intelectual, adquirindo novos conhecimentos em diversas áreas do saber. Portanto, o Colégio foi uma experiência marcante para a formação intelectual e humanística do escritor – do seu caráter –, que teve a oportunidade de

conviver com uma pluralidade de pessoas, aprendendo a lidar com as diferenças entre elas.

A relevância dessas reminiscências que, abrem para Nava um mundo novo, revela-se na extensão da narrativa, pois o narrador dedica setenta por cento do segundo capítulo das Memórias II, *Serra do Curral*, para falar, detalhadamente, do Colégio – da sua estrutura, do seu funcionamento, dos seus colegas e professores, etc.

A seguinte passagem, na qual Nava descreve minuciosamente uma das salas de aula e o método utilizado por um dos professores para ensinar inglês, ilustra a relevância do aprendizado que o escritor adquiriu no colégio:

Nossa sala de aulas ficava para trás do colégio, era batida pelo sol da manhã e, enquanto o mesmo não subia, as persianas eram encostadas e a luz tamisada dava ao aposento tonalidades de aquário. Mais se acentuava essa cor pelo reflexo que vinha do quadro-negro que não era negro, era verde e ocupava toda a parede. Tratava-se duma espécie de oleado fosco, colado diretamente ao muro das classes. O primeiro professor a entrar era o Jones. De beca. Ensinava Inglês por uma espécie de processo Berlitz, animado por ele próprio. Não nos permitia lápis nem papel. A coisa tinha de entrar pelos olhos, pelas orelhas e ser guardada na memória. Com uma paciência evangélica, ele ia mostrando. O dedo. Finger. Batia no peito e continuava a mostrar o dito dedo. My finger. Levantava a mão do Agnaldo, segurava-lhe o indicador. This is Agnaldo's finger. Apontava um interlocutor. Your finger. My finger and your finger. One finger. two fingers. Passava para a mão, antebraço, braço, pescoço, face, cabeça. Olhos, eyelids, eyelashes ears (Silence! there, or I'll box your ears...), my nose, yours noses, nostrils, one nose has two nostrils. Mostrava, repetia. Começava a boca. Acabava. O queixo, meu queixo, dois queixos, três queixos. Voltava ao pescoço, que ele tanto ameaçava de torcer (I'll wring your neck!). Pegava dos peitos, da barriga com os recheios, arriscava a bunda - buttocks - mas saltava pudicamente as partes. Descia pelas coxas, joelhos, pernas, panturrilha - calf of the legs - calcanhar, pés. One foot. two feet. This is my right foot. This is my left one. Repetia uma, duas, cinco, dez, vinte vezes até que todos entendessem cada parte do corpo, o que ele tinha por dentro, para que servissem boca e dentes e língua, para comer, to eat, para cantar, I sing, para gritar, you shout, I laugh, I breathe, I hold, I walk, I kick, I fight, I kill, I am standing up, you are sitting in your benches. The desk. Ink. Tudo que tinha na sala, na casa, no jardim, a mais linda flor - the rose sweetens our gardens; no campo, na mata; na chácara, a mais fabulosa fruta - the orange sparkles like the sun; no galinheiro, a perfeição do módulo vivo - is the egg white or yellow? O que é? O que é? Joga pra cima é prata, quando cai é ouro. A casca do ovo é branca. The egg's youlk is golden. Tudo o que tinha no campo, na mata, na montanha, no céu, na terra. High and low: The stars. The earth. The dust. I close the door. The boy open the window: Night and day. The moon is pale. The sun is bright. Life. Death. Dust to dust. Earth to earth... Tudo isto o Jones fazia com uma meticulosidade e uma perfeição incomparáveis. (NAVA, 2000, p. 158).

Os efeitos sensoriais (“a luz tamisada dava ao aposento tonalidades de aquário”) concretizam a atmosfera do colégio e outros efeitos visuais também são res-

saltados, como os estímulos produzidos por cores: “Mais se acentuava essa cor pelo reflexo que vinha do quadro-negro que não era negro, era verde e ocupava toda a parede. Tratava-se duma espécie de oleado fosco, colado diretamente ao muro das classes.” (Nava, 2000, p. 158).

Nava descreve uma aula na qual o trabalho da aprendizagem da língua estrangeira se confunde com a tensão prazerosa do jogo. É possível detectar um desafio do memorialista a seu leitor para que este participe da brincadeira séria de divertir-se enquanto é transposto a uma perspectiva cultural diversa. Conforme as reações do menino Pedro, percebidas no texto, o choque estimulante, que impunha a participação intensa de todos os seus sentidos e afetos, era a língua inglesa, o método didático inusitado e a convivência com meninos de sua idade.

A assimilação do conteúdo consistia na repetição exaustiva como garantia da plena compreensão dos alunos. Quando transposto para o texto das memórias, sob a forma de fragmentos reconstituídos daquela espécie de ladainha, tem a função de transportar o leitor àquela sala de aula e convidá-lo a assisti-la e a aprender inglês através da metodologia do professor Jones, juntamente com o narrador: “Repetia uma, duas, cinco, dez, vinte vezes até que todos entendessem cada parte do corpo, o que ele tinha por dentro,...” (Nava, 2000, p. 158).

A descrição minuciosa das técnicas de ensino do professor também É utilizada para enfatizar a maneira detalhista de ensinar do educador, marcante para o perfeito aprendizado do inglês, adquirido pelo memorialista. Nava também apresenta fragmentos, como a passagem a seguir, que relata a existência de disciplinas anticonvencionais, ministradas no colégio:

...tínhamos ópera, com o maestro Westerling. Era a matéria chamada de “numeração”, dada nos primeiros anos primários e que antecedia a Aritmética que só começava no quarto. Destinava-se a gravar de cor as contas de somar, diminuir, multiplicar, dividir. Os nove fora. O Westerling em pé, impecável, marcava o compasso das tabuadas como se regesse ouvertures, cavalgatas e coros wagnerianos. Começava por baixo, nos dois e dois, quatro, subia: sete menos quatro, três; galgava de repente às multiplicações por oito, por dez; arrasava tudo nas divisões por onze, doze, quinze e disparava nos trens-de-ferro como o sete vezes oito cinquenta e seis menos dezessete mais vinte e cinco nove fora – um! Quando ninguém errava e a coisa era seguida por todos na alegria do compasso martelado pelos seus braços, o Westerling entusiasmado queria mais e desandava a gritar: outra vez! Todos juntos! Retomávamos a carga numa galopada cheia de brio. (Nava, 2000, p. 164-165).

Observa-se outro diferencial na metodologia utilizada no colégio, a princí-

pio inusitada para o leitor contemporâneo, uma vez que os alunos aprendiam matemática cantando, a fim de decorá-la, como se estivessem verdadeiramente em uma aula de canto, porque não era permitido aos estudantes desafinar. Observa-se também, a importância desta passagem para avaliar a variedade de explorações do efeito sonoro, no texto naviano. Isto deve ser considerado, pois trata-se, dentro da tendência moderna, observada por Zumthor (Zumthor, 2005, p. 153-154), de recuperar a sonoridade da poesia num momento histórico de predominância dos meios técnicos de reprodução das obras. Tal tendência corresponderia a trazer de volta o corpo às relações de comunicação através da linguagem escrita, por meio da exploração de situações típicas do intercâmbio oral. Certamente o empenho de Nava em dar destaque à descrição das aulas de matemática prende-se a seu interesse pela transposição da vivacidade do contato direto para a situação da leitura. Nas recordações do colégio, ressaltam, então, as explorações da linguagem oral e dos movimentos corporais que a acompanham, executados pelo professor ao reger a orquestra matemática, conforme o fragmento a seguir: “um! Quando ninguém errava e a coisa era seguida por todos na alegria do compasso martelado pelos seus braços, o Westerling entusiasmado queria mais e desandava a gritar: outra vez! todos juntos!” (Nava, 2000, p. 164). A ênfase dada pelo memorialista aos sons, a fim de que o leitor possa ter a ilusão (direta, mais próxima possível do verossímil) de ouvi-los é uma estratégia utilizada por ele para produzir presença.

O narrador continua a retratar sua convivência com os colegas, a formação dos grupos, suas preferências que evidenciavam a seleção dos seus afetos sociais, em uma linguagem coloquial:

Fazíamos nossas rodinhas de preferidos. Eu aproveitava os amigos externos e eram conversas de não acabar mais. O mais espanífico e falador era o Olimpino Moreira, que impressionava pela elegância e pelo fato de, tão menino! já estar banguela - deixava estragar os dentes um por um, com medo de ir ao dentista. (Nava, 2000, p. 165).

Além do valor da experiência e dos fragmentos de lembranças advindos dela, contribuiu para a elaboração do relato extenso e minucioso das memórias do colégio a vasta documentação preservada, com zelo, por Nava em seu arquivo pessoal, seguindo um hábito tradicional, cultivado pela família: guardar, como preciosos fragmentos de lembranças, os resquícios documentais do passado. As cartas que ele endereçava à mãe e à sua tia Alice Sales davam notícias do dia a dia

no internato do Anglo: dos horários das aulas, das disciplinas ministradas no colégio, das atividades extraclasse, dos nomes dos professores, etc. Isso ressalta a importância do extenso arquivo cultivado pelo narrador, fundamental à construção das memórias. A partir dessas cartas, Nava ergueu seu método, podendo reconstituir, com base na riqueza de detalhes, os tempos do colégio e a rotina escolar. A recepção no primeiro dia, os dormitórios, o banho matinal, o café, as aulas, o almoço, as aulas da tarde, o recreio prolongado, o jantar, as preleções disciplinares, as horas de estudo noturno. Para cada atividade do dia, o relato varia, deslocando-se entre um estilo hiperbólico, metafórico, culto, ora sério, ora divertido, jogando com o leitor um jogo estilístico na medida em que salta de um estilo a outro. Um modo próprio do narrador ficcional, que repõe os detalhes que a memória voluntária, consciente não gravou. Isso caracteriza uma estratégia utilizada para manutenção do controle do narrador sobre o texto que, momentaneamente, ele havia perdido, preenchendo essas lacunas da memória com artimanhas do estilo.

No momento em que se afastou de casa para o colégio interno, mais do que nunca, Nava percebeu o quanto deveria e precisava ser forte para, sozinho, lutar por si mesmo, pela sua sobrevivência, enfrentando a vida. Em seu registro do período, evidencia-se, através da perda momentânea do controle sobre os fatos narrados, esse deixar-se afetar pela emoção produzindo o que Gumbrecht chama de “efeitos de presença”, (Gumbrecht, 2001, p. 19), acontecimentos inesperados, no caso de Nava, provenientes da memória involuntária, intrometendo-se no texto. Como se destacou em capítulo anterior, a idéia da simultaneidade foi proposta por Gumbrecht em seu texto intitulado *Em 1926, vivendo no limite do tempo*, no qual o ano de 1926 e os elementos do passado pertencentes àquele período são trazidos à tona para que a época seja minuciosamente reconstituída. O mesmo ocorre na obra naviana: o presente se mescla aos múltiplos passados em idas e vindas. Sente-se a todo momento a mão do narrador experiente reconstruindo seus tempos de estudante, como se verifica na passagem em que o memorialista, em tom de empolgação, descreve sua chegada ao colégio:

De repente houve um clamor, um arranco no ar parado e o velho vento hercúleo de Belo Horizonte começou. Ele chegou como doido, parece que do Pico, d'além do Pico, do fundo de Minas, rodando, revolvendo tudo, suspendendo trombas marinhas de terra solta se levantando como troncos vermelhos que logo coleavam jibóias gigantes. Encarniçou-se um instante contra o colégio - para derrubá-lo.

As paredes resistiram, tremendo no esforço, e o vento começou a assoviar nos beirais, (...) a impelir mangas de chuvas que inundavam tudo e desciam do Curral, do Cruzeiro, escacho ando Afonso Pena abaixo, improvisando araguaias, pratas, amazonas, inventando niágaras, iguaçus, urubupungás e os trombolhões e baques das setequedas (...) Acabamos de jantar ouvindo trovões roncando como leões, mugindo, harmônios em sustenido ... (Nava, 2000, p. 136).

Na citação acima, pode-se correlacionar a descrição, elaboradamente metafórica, da tempestade com a intensificação dos estímulos formadores na trajetória do menino. O uso inventivo do verbo *escachoar* – no gerúndio, *escachoando* – e de substantivos próprios (Iguaçu, Araguaia, etc.) como nomes comuns, qualificadores da violência da tempestade, pode produzir um efeito de exaltação prazerosa, amedrontadora e estimulante, aspectos que caracterizam a expectativa do narrador sobre a experiência vivida no colégio. Essa tensão complexa, produzida através da mescla de sensações contraditórias, transmitida pelo estilo, concretizaria a reviravolta, causada pelo choque momentâneo experimentado pelo narrador menino, solitário, na passagem da infância à adolescência, e comunicada ao leitor graças à força da sua escrita.

Os trovões que roncavam tanto podem simbolizar grandes alegrias e comemorações do narrador por se desvencilhar da *placenta doméstica*, quanto podem representar a revolução interior do menino ao se deparar, repentinamente, com um mundo novo que, inevitavelmente, sozinho, teria de enfrentar e suas inseguranças e incertezas diante dele.

Pouco vocacionado às práticas esportivas, o forte do colégio, mas valendo-se do espírito democrático do diretor, que procurava respeitar as individualidades, o menino podia, enquanto os colegas jogavam futebol, entregar-se ao devaneio, abrindo assim um espaço de tempo dedicado apenas ao cultivo do seu principal interesse: a leitura, fundamental para a formação intelectual do escritor, de acordo com o seguinte trecho: "... o Jones me dispensara desse jogo (o futebol, que era o carro-chefe dentre os esportes do colégio) e me despencara assim, na leitura, na contemplação e no isolamento" (Nava, 2000, p. 153).

Visitando a biblioteca do colégio, ele devorou muitos livros, tornando-se um leitor voraz, sedento de novas leituras, o que contribuiu tanto para a construção dos seus conhecimentos, como futuramente para o aprimoramento das suas complexas estratégias narrativas e estilísticas utilizadas na escrita das memórias: "Li, reli, tornei-me insaciável (...)" (Nava, 2000, p. 157). "Já não me bastavam os jor-

nais com seus crimes, nem o Tico-Tico - logo devorados. Passei aos livros da ‘biblioteca’ do colégio.” (Nava, 2000, p. 154).

Foi no Anglo que Nava se iniciou na leitura de Eça de Queirós, que seria, dentre os grandes prosadores da língua portuguesa, o seu preferido. Um certo Chagas (Moacir Lafaiete Macedo Chagas) era quem presidia as sessões de estudo noturno. Ele gostava de ler para os estudantes os contos do escritor português, que deslumbravam o menino atento:

Pedi o livro emprestado ao Chagas. Reli, sozinho na escada do campo de futebol, estas histórias e as da rapariga loura, de Macário, do tio Francisco, do beneficiado da Sé, das manas Hilárias, do poeta Korrisosso, da Maria da Piedade, do Jacinto, de Frei Genebro - e fui aos poucos me desinteressando de O Tico-Tico que minha mãe trazia em todas as suas visitas (Nava, 2000, p. 177).

Observa-se, no fim da passagem, o salto dado pelo pequeno leitor que descarta a revistinha infantil, adentrando, assim, pela leitura de Eça e de outros personagens, pertencentes ao mundo da literatura dos adultos. Isso caracteriza seu amadurecimento como leitor, progresso significativo na formação intelectual. A leitura funcionou como um agradável refúgio, um exercício compensatório e reequilibrador nos momentos de exclusão do menino, em que os afetos pessoais são exacerbados na competição social. Nava teve que se adaptar tanto à própria leitura, adquirindo, cultivando e, posteriormente, fortalecendo o hábito de ler, como ao sistema de hierarquias que imperava no colégio, provocando sua exclusão de esportes como o tão sonhado futebol, principalmente para meninos da sua idade, por não se apresentar adequadamente vestido. Essa constatação seria humilhante e destrutiva para o garoto, que também almejava, como os colegas, a prática constante do esporte, se ele não se apoiasse imediatamente na sua tábua de salvação, no seu precioso consolo: a leitura.

Quando levantava a cabeça e deixava meus personagens de ficção, via, agitando-se embaixo, meus companheiros de infância. O Tempo tomou-os irreais e esbatidos, matou porção deles - mas não pôde prevalecer contra os heróis daquelas páginas sempre na mesma e cada vez mais vivos. Ia buscá-los, primeiro, no Tico-Tico, cuja assinatura me era garantida por meu tio Antônio Salles, no Rio, e de que minha Mãe trazia os exemplares nas suas visitas. Eu me desinteressara do Chiquinho, Jagunço, Faustina, Zé Macaco, Lulu, Zezé e Vovô. Entretanto lia avidamente as histórias onde se tratava de Barba-Roxa, da Rainha dos Piratas e do heróico Paulino. De outras figuras históricas como as de Ana d'Áustria e Luís XIII, do sombrio conselheiro Laubardemont, do terrível Cardeal de Richelieu, do miserável Ruptil (que secreta de merda!) e do pobre Cinq-Mars cuja cabeça decepada inundava de sangue o horizonte para além do Palácio e das Secretarias, enquanto Marion

Delorme nele ensopava a cauda de seus vestidos. Com Lavarède, amei Miss Aurret, viajei com cadáveres de chins e fiz a volta do mundo com cinco vinténs. Com Idain e Gardner fui traído por Kutu, desci o abismo, escapei das najas, passei fome, sede, frio; conheci a Cidade Santa resplandecendo dentro dos ocos imensos do Himalaia e saí do profundo na jangada vomitada pelo rio subterrâneo. (Nava, 2000, p. 153).

Percebe-se que o escritor, intencionalmente, utiliza verbos na primeira pessoa do singular, como se pretendesse ocupar o lugar dos sujeitos ficcionais dos textos que, com sua magia encantatória, exerciam grande fascínio em Nava a ponto de transportarem o menino para a atmosfera das cenas narradas, fazendo dele um personagem das narrativas que lia, capaz de vivenciar cada situação, cada drama relatado, apoderando-se plenamente das histórias. Além disso, com sua imaginação criativa, ele transferia o cenário dos acontecimentos vividos pelos personagens para Belo Horizonte, cidade tão amada do escritor, que influenciou significativamente na construção das suas amizades, dos seus afetos e na sua formação profissional. Constituindo, assim, o espaço das indagações, do conhecimento.

Mais do que meramente ler as narrativas, o memorialista evidencia sua entrega, adentrando no mundo inventivo dos livros, convivendo com seus personagens, *vivendo* suas vidas, ou tendo a ilusão de vivê-las por meio da experiência direta com eles, o que contribuiu para que desejasse provocar essas mesmas sensações no leitor das suas memórias e construísse um texto permeado por estratégias narrativas e estilísticas que também proporcionassem ao leitor essa experiência peculiar, de experimentação textual, conforme afirma o próprio narrador, ao relatar que *participava* dos dramas dos personagens das histórias, na passagem a seguir:

Sentado no cimento quente da escada do campo de futebol, eu participava desses dramas e só levantava os olhos das páginas abertas para a glória do céu em carne viva e do sol "cujo disco declinava". Embaixo havia baques sobre o solo que se me afiguravam percussões num vasto gongo. E gritos longínquos. Eram meus colegas jogando a bola de ouro com seus vinte e dois pés de bronze, tal qual como no *Forty years on* - a canção esportiva que o Cuthbert nos ensinava na aula de canto. (Nava, 2000, p. 157).

Estudar no Anglo, para Nava, não significou apenas uma oportunidade de aprender inglês, estudar aritmética, ler e praticar esportes. Era também oportunidade para se observar um pouco do funcionamento do mundo, cruelmente hierárquico, subdividido, com extrema rigidez, em classes sociais previamente

demarcadas. Mais pobre que a maioria dos colegas, o menino era excluído, enfrentando as piadas sobre seu uniforme, feito em casa e modesto demais para os padrões de elegância dos seus companheiros mais ricos:

(...) aquela roupa e os lençóis de “americano” iam me desclassificar dentro da hierarquia colegial. Mais ainda, meus calções de futebol que não passavam de calças velhas encurtadas. E o pior, um dos meus uniformes do diário (...). O diabo era o terceiro, azulão, dum zuarte evidente que veio ofender tudo que de aristocrático havia dentro de mim. (Nava, 2000, p. 133).

Observa-se que Nava enfatiza o impacto da cor, dando-lhe um tom aumentativo: *azulão*, para produzir no leitor o mesmo impacto desagradável que sentia por estar vestido daquela forma. Situado numa escala social inferior, ele observava, não sem ressentimento e indignação, as mesuras com que o diretor tratava os filhos da oligarquia. Já na apresentação, "o Sadler, côncavo, dividia-se entre o poderoso Vieira Marques e o Estevinho opulento. Atendia o Coronel Salvo num degrau abaixo e tratava o Garcia de Paiva & Pinto, alto e condescendente. Minha mãe era comboiada pelo Mr. Rose" (Nava, 2000, p. 119). Escalonando as formas de tratamento, segundo as posses das famílias, com as quais o colégio mantinha seu prestígio na sociedade local, o diretor ia ao limite quando, passando por cima da objetividade das avaliações por merecimento, atribuía aos meninos de mais posses, como *prêmio*, notas mais altas, fato que não escapou à pena crítica do narrador-observador, de acordo com a seguinte passagem: “fossem eles madraços, malcriados, estúpidos e porcos” (Nava, 2000, p. 192). Em tom crítico e questionador, Nava observa que essa premiação era obtida não por qualquer espécie de mérito estudantil, resultante de algum esforço, mas por direito de nascença.

Como se verifica, a pedagogia do Anglo, cosmopolita e liberalizante, não conseguia esconder o preconceito de classes nem de cor. Outra passagem caracteriza bem a entrada, forçada e mal vista, de Nava no colégio, em função do preconceito de classes, que impusera uma rígida demarcação entre os alunos, revelando até que ponto os estabelecimentos educacionais acabavam sendo construídos apenas para a elite mineira:

Eu ia interno e lá conviveria com outros sudros das casas B de Belo Horizonte. E - não sem curtir humilhações e tomar lanhos fundos no meu orgulho - com os vaicias das C, os sástrias das D e com os inacessíveis brâmanes das E Porque as castas da Cidade de Minas tinham sido demarcadas duramente! pelo número de janelas das fachadas das casas dos funcionários. Dos intocáveis dos pardieiros A, aos

desembargadores dos palacetes F de inumeráveis janelas. Sem mistura, cada um no seu lugar, lé com lé e cré com cré. E tendo a quota de ar e sol que lhe cabia por uma janela, duas janelas, três, quatro, cinco janelas. Janelas, janelas, janelas... (Nava, 2000, p. 125).

Observa-se como o desequilíbrio entre linguagem formal e coloquial, no trecho citado, materializa, em termos de registros linguísticos, as desigualdades sociais, tal como estariam sendo apreendidas pelo menino que entrava na adolescência e passava do embate com os afetos familiares como amor e raiva, personificados em parentes, sobretudo na figura da avó materna, para os conflitos gerais e anônimos da ordem social, sempre compensados através do poder consolador e libertador da leitura.

Além do preconceito de classe e de cor, antes de tudo, o colégio era uma empresa, destinada a falir, pois não resistiria aos ataques do clero e da moral eclesiástica mineira, fechando suas portas depois de apenas dois anos de funcionamento (1914 e 1915). O colégio entrou em decadência, os bons professores saíram e a campanha fervorosa dos padres católicos contra o ensino de origem protestante obteve sucesso, como se constata no seguinte fragmento, onde o escritor intensifica o tom irônico através do uso de termos vulgares, para enfatizar a decadência do colégio, que culminou no seu fechamento:

Os alunos escasseavam diante da propaganda feita pelos reverendos contra o nosso aprendizado sem latim, com futebol demais e oferecendo os perigos de ser ministrado por protestantes. De mais a mais, a casa desfalcara-se das figuras legendárias da primeira hora e procedia sua troca por elementos autóctones ou então por uns ingleses encanacados de Morro Velho avacalhados por uma longa convivência nacional— já jogando no bicho, bebendo cachaça e comendo negra. (Nava, 2000, p. 190).

Na passagem acima, Após a extinção do colégio Anglo Mineiro, o menino é obrigado a ir para o Rio de Janeiro e lá se matricula no colégio Pedro II como aluno interno, onde permaneceu por cinco anos. A partir de então, o narrador inicia uma nova trajetória de vida. Esse período foi decisivo para a conquista definitiva da autonomia, consolidando o amadurecimento do adolescente Pedro Nava, com destaque para a construção do seu horizonte de leitura.

3.4

Marchando na Memória: O percurso do leitor para a maturidade

Em 1915, Nava inicia sua trajetória no colégio Pedro II, onde passaria cinco anos decisivos da sua vida e teria um imenso aprendizado, extraído dos conteúdos ministrados nas aulas e da convivência com seus colegas. Por essa razão, a experiência no Pedro II merece destaque especial. Ao ingressar no famoso internato, o mais célebre do Brasil durante o Império e a República Velha, ele deixava para trás não somente a casa da mãe, que permaneceria em Belo Horizonte, mas a própria infância. Nesse período, a meninice foi trocada pela adolescência e o colégio funcionou como um rito de passagem nesse processo marcado pela necessidade de enfrentar desafios – necessidade amarga e, simultaneamente, estimulante na medida em que possibilitou ao narrador vivenciar experiências inovadoras e descobertas fabulosas, tanto de autoconhecimento como de sobrevivência, num mundo fora do seu. Esta conjunção de sentimentos ambivalentes, de dor e alegria, de angústia e euforia, vai-se revelando não apenas na ordem da narrativa, que justapõe episódios contrastantes, como na escolha do vocabulário, das imagens e da sintaxe, que produz efeitos de tensão e apaziguamento no leitor, durante a leitura das memórias.

Como aluno do Pedro II, pôde cultivar suas primeiras amizades importantes, ganhando, assim, mais independência como indivíduo e ensaiando seus primeiros passos de cidadão: com os amigos ou sozinho, podia explorar livremente a cidade em seus momentos de folga, fazendo, nessas excursões, inúmeras descobertas, escapando astutamente dos perigos inusitados, vivendo por si mesmo. Em outro plano, não menos relevante que os anteriores, o espaço também crescia nas aulas do colégio, onde atuavam professores eminentes, ampliando-se, dessa maneira, o universo intelectual do menino, para quem se abriam as portas dos saberes valiosos, das humanidades.

Para conseguir frequentar o Pedro II como aluno interno, Nava contou com a colaboração de familiares, que deram um imenso apoio em termos de conhecimento (pois o ensino no Anglo era muito diferenciado, valorizando o Inglês e o futebol em detrimento do Latim e de algumas disciplinas tradicionais, como a História e a Geografia, por exemplo), hospedagem e afeto, oferecidos ao menino recém-chegado de Belo Horizonte. O apoio incluiu lições de Português, Matemá-

tica, História e Geografia, recebidas dos tios a fim de preparar o garoto no para os exames de ingresso no colégio.

A formação intelectual do Anglo Mineiro tinha sido muito precária para a elite da educação brasileira daquele período, sendo mais voltada a uma sociedade americanizada, de acordo com a cultura dos professores ingleses do colégio, como constata o narrador nas memórias:

Falava perfeitamente o meu inglês, trouxera na minha pobre bagagem até uma seta apontando uma cultura, mas estava a zero na regra de três, nas frações (...) Minha geografia era uma vergonha (...). Quando tio Salles me veio com indagações sobre os substantivos, os adjetivos, os verbos, os advérbios, as interjeições eu quase perguntei quem eram (Nava, 2000, p. 284).

No próprio tom de humor, ironia sutil e crítica, com que o narrador dá conta de suas carências de informação sobre disciplinas fundamentais, de acordo com os padrões convencionais da educação brasileira (de inspiração francesa), evidencia-se que não há propriamente uma rejeição do modelo inglês, mas a constituição de uma perspectiva crítica, por parte do memorialista, cujo papel é contrastar valores culturais diferenciados e indicá-los indiretamente para o leitor, ressaltando as qualidades e os defeitos de cada um deles. Essa multiplicidade de saberes, tendo cada qual um lugar merecido, torna a obra naviana, (como já se apontou anteriormente), uma espécie de enciclopédia, onde o leitor pode encontrar contrapontos e alternativas aos valores e expectativas preestabelecidos pela sociedade daquele período.

Conforme o regime de favoritismo, que vigorava na época, na hora das provas, Pedro Nava, como candidato, acabou sendo protegido por Silva Ramos, que, reconhecendo seu sobrenome, logo resolveu dar-lhe aprovação, afinal tratava-se do sobrinho de Dona Cândida Nava, colega de magistério do famoso gramático no Colégio *Sacré-Coeur*. Outro favor seria ainda necessário. Graças à benevolência de um oficial militar, então senador da República, os parentes conseguiram que o sobrinho fosse matriculado gratuitamente no colégio. Novamente, constata-se a ambivalência textual, visto que Nava se coloca como indivíduo dependente da sociedade de favores, ao mesmo tempo em que critica, noutras passagens, o funcionamento dessa sociedade, regida pela regra do apadrinhamento.

Nava ingressou no Pedro II, dia 4 de Abril de 1916. Tinha treze anos de idade. É interessante notar que, nas memórias, para introduzir a narrativa desses tem-

pos do internato, o narrador relembra um passado relativamente próximo, quando, anos depois de formado, participou de uma parada em homenagem ao colégio e pôde reencontrar alguns colegas. A partir desse passado mais recente, reconstrói, aos poucos, o mais remoto: as memórias da adolescência no internato. Percebe-se, portanto, na construção do texto, a presença da simultaneidade temporal, visando o que Gumbrecht destaca como o trabalho de re-presentificar múltiplos *passados*, conforme o próprio memorialista teoriza, na seguinte passagem:

Não é bem isto porque o passado e o presente não são coisas estáveis tornadas interpenetráveis pela memória que arruma e desarruma as cartas que vai embaralhando. O passado não é ordenado nem imóvel - pode vir em imagens sucessivas, mas sua verdadeira força reside na “simultaneidade” e na “multiplicidade” das visagens que se dispõem, se desarranjam, combinam-se umas às outras e logo se repelem, construindo não um passado mas vários passados. Fatias da grossura do ponto geométrico incessantemente cortadas do presente por uma espécie de máquina automática de fazer presunto. Seus roletes não caem em ordem obrigatória sobre o papel impermeável do embrulho. Vão e vêm segundo as solicitações da “realidade atual” - também fictícia porque sempre em desgaste e capaz de instituir contemporaneidade com o passado, igual à que pode estabelecer com o futuro - tornando de vidro as barreiras do tempo. (Nava, 2000, p. 313).

Nessa passagem, Nava procura manter o controle sobre o tempo da escrita e, conseqüentemente, sobre os episódios narrados através da memória voluntária. Contudo, é surpreendido pela memória involuntária, que apresenta a ele lembranças inesperadas, rompendo com a sequência de episódios encadeada pela memória voluntária, superpondo os tempos: um passado mais próximo aviva a lembrança de outro mais distante, lembrança consolidada pelo homem maduro, no presente. Isso significa que Nava não tem pleno controle sobre a forma como os vários passados chegam, se instalam e se superpõem na sua memória de escritor, deixando-se, em muitos momentos, afetar por eles.

Outro aspecto que se evidencia nesta passagem é a clareza do narrador, ao procurar mesclar história e ficção, quando afirma: “Vão e vêm segundo as solicitações da ‘realidade atual’ – também fictícia porque sempre em desgaste e capaz de instituir contemporaneidade com o passado, igual à que pode estabelecer com o futuro...” (Nava, 2000, p. 313). Pode-se concluir, daí, que o tempo conduz o narrador; não o narrador conduz o tempo. O narrador deixa-se conduzir por ele, tentando contê-lo quando levado pelo caráter condensador do mecanismo rememorativo. Percebendo esse jogo, essa simultaneidade temporal, o leitor lerá

as memórias de outra maneira, adentrando-as verdadeiramente, deixando-se guiar nesse fascinante labirinto temporal.

A narrativa do tempo transcorrido no internato compreende dois capítulos das *Memórias*, a saber: o derradeiro de *Balão Cativo, Morro do Barro Vermelho*, e o primeiro de *Chão de Ferro, Campo de São Cristóvão*. O extenso e detalhado relato sobre o Pedro II constitui um bloco temático das *Memórias*.

Antes de iniciar a narrativa dessa importante experiência, o narrador resume a história do Pedro II, mescla de realidade e ficção, visto que ele não é fiel, na íntegra, à história do colégio, apoiando-se, contudo, em fatos verídicos. Nava retrata minuciosamente a evolução do internato, desde os tempos coloniais.

O relato autobiográfico propriamente dito começa com o dia fatídico do ingresso do adolescente no colégio:

(...) paramos e olhamos o colégio. Todo anil, alegorias na platibanda, estuque fazendo bronze - o letreiro colossal pintado logo abaixo: INTERNATO DO COLÉGIO PEDRO II. Três renques de abertura: as nove janelas do segundo andar; as nove portas do primeiro escancarando por uma sacada de prata correndo de fora a fora, dando uma impressão tão flauta e tão som que aquilo era menos uma sucessão de gradis que aparência das dobras dum bojo de bandoneon esticado cantando dum canto ao outro da casa; outras quatro janelas de cada lado e a porta central lavrada na cantaria do térreo. De par em par os batentes de madeira. Com eles se abria o portão da serralheria que lhes era fronteiro e cuja parte inferior toda filigranada concentrava o radiado de suas ferragens em torno de duas belas cabeças esculpidas ornadas com chapéus do século XV (Nava, 2000, p. 300).

Essa fusão de tempos reaparece, aqui, muito explorada, de acordo com as teorias de Gumbrecht. No entanto, é evidente que estas últimas são utilizadas para fins diversos do propósito de Nava. Ambos desenvolvem estratégias de presentificação do passado para o leitor, mas, de um lado, o estudioso visa adequar a função da disciplina historiográfica à contemporaneidade, propondo alternativas à construção dos textos de História; de outro, o artista busca afetar seu público, sensorial e emocionalmente; para isso, inventa um estilo vivo capaz de conduzir o leitor a experiências inusitadas com os fantasmas de décadas atrás.

Presentes e passados, síntese de toda memória, podem ser apreciados logo no início do trecho citado, mais precisamente no adjetivo *colossal*: o que parece enorme para as crianças costuma deixar de sê-lo quando crescem e retomam o mesmo objeto visto anteriormente, pois, nessa operação, o olhar da criança foi contaminado pelo olhar do narrador adulto.

Na citação acima, onde o ornamento arquitetônico do prédio revela-se como sensação auditiva de trecho musical – “dando uma impressão tão flauta e tão som”, (Nava, 2000, p. 300) – é o elaborado jogo sinestésico de visualidade e sonoridade que produz a presentificação agradável da lembrança. O leitor visualiza o colégio e *sente/ouve* através do *som* o impacto do narrador ao se deparar com ele.

Apesar de, no conjunto e à distância, a experiência no Pedro II ter sido venturosa, o narrador registra o impacto desagradável causado pelos primeiros dias no internato, quando se desvencilhava das proximidades da casa materna para o *mundo*. Nessa circunstância, aprende novos valores e costumes, assumindo um comportamento mais agressivo de convívio social. A partir de então, é obrigado a se submeter às normas do colégio, à sua rígida disciplina, a uma conduta moral que favorece as elites, às injustiças em nome da *amizade* e do bom convívio, à vingança para sobreviver naquele ambiente tão hostil. A ruptura com o meio familiar é realçada. Ao adentrar as dependências do colégio pela primeira vez, Nava teria ouvido do tio uma advertência – “Não se esqueça o de volta deste caminho que fizemos porque de hoje em diante vai ter de se safar sozinho neste Rio de Janeiro.” (Nava, 2000, p. 301) –, onde a dureza da solidão é realçada pela escolha das palavras. O corte e a separação diante do passado são inevitáveis e a sensação de queda, iminente. Fica, a partir da entrada no Pedro II, definitivamente demarcada a distância entre o indivíduo e sua placenta familiar, tendo de entregar-se diretamente ao *mundo*, à independência plena que forjará o futuro memorialista.

Ao chegar no colégio, o narrador se depara com muitas diferenças em relação ao Anglo, em que a educação era mais conciliatória e libertária, e a cumplicidade entre os colegas imperava. Ao reproduzir a fala do tio, Nava chama atenção à necessidade da luta diária pela sobrevivência em um meio novo, diferenciado, mais amplo, enorme em termos de espaço, duramente demarcado. O colégio era regido por uma hierarquia própria, criada pelos alunos, que beneficiava os mais graduados e execrava os iniciantes, que eram os *bichos*, escravos dos outros, sem direito a qualquer regalia, situação cruel para o menino criado sob a proteção familiar. Para completar seu dia fatídico, ele ainda sofreu um trote muito violento, marcado pela surpresa com que é pego pelo suposto primeiro *colega*.

O seu trote ficou nisto e nas explicações que ele me ministrou em seguida. Por ele eu conheci a hierarquia do colégio. Os alunos do primeiro ano eram os bichos. E fique sabendo que bicho aqui não tem a menor regalia. Os do segundo, calouros. E

calouro não passa de bicho enfeitado. Veteranos, com todos os direitos, eram os reis do terceiro ano, os imperadores do quarto e os bacharelados do quinto. Concebi o organismo do colégio como divindade hindu, como um ser cabeça de ouro, peito de prata, barriga de bronze, pernas de zinco e pés de barro. Eu era do barro vil dos pés. Bicho - palavra sempre ligada a indecente. (Nava, 2000, p. 304).

O estilo, aqui utilizado pelo narrador, caracteriza-se pela escolha de vocabulário bastante agressivo. Repetem-se os termos usados à época – especialmente, *bicho* – e introduzem-se as frases ouvidas na exploração potente do discurso indireto livre, causando maior impacto sobre o leitor. Também se pode observar, na comparação da hierarquia do colégio com a divindade hindu, a ironia do memorialista, como que se desferrando, décadas depois, dos sofrimentos que lhe foram impostos pelos veteranos.

A longa citação abaixo é impactante, pois o corpo maltratado do narrador contamina, no momento da rememoração, a escrita, determinando a escolha vocabular e sintática:

Já ele me empolgara pelos dois braços e assim manietado empurrou-me de encontro a um vilão que se pusera de quatro, atrás de minhas pernas. Desabei de costas, batendo caixa dos peitos e cabeça no cimento. Aturdido, cascos para o ar, ouvi os gritos do Andréa chamando a matilha – bolo-humano! bolo-humano! bolo-humano! Logo três, cinco, dez canalhas vieram correndo, pulando alto, caindo de bunda uns sobre os outros no bolo-humano de que ai! de mim, eu era a camada mais baixa e mais socada. Afinal levantaram rindo e esperando: assim que eu pude me ter de pé, mal respirando de dor e dos arrancos dos soluços do choro desabalado, foi como se o mundo me desabasse na cabeça numa saraivada de cacholetas, nas minhas costas caixa-surda numa trovoada de murros. Cego de raiva e dor e surpresa eu mal tinha tempo de sacudir os braços numa tentativa de defesa que só zurzia o vento, o ar, o esmo, o vácuo e como que lama de onda rolando de queda em baque – até num segundo bolo-humano ser pulverizado na areia do centro do telheiro. Ali fiquei estatelado um instante e consegui reconstruir-me nas pernas bambas quando meus verdugos passaram a outro linchamento. Logo novo bando chefiado por uma espécie de corcunda ondulante, pescoço da cabeça à barriga, boca solta, babada, língua mole e riso obscuro – um novo bando, dizia – atracou-me pela roupa, braços, gravata, suspensório, cintura e cinturão. Vamos brochar mais esse, Papai Basílio, vamos, Papai Basílio. Mas ele sofreu e conteve um instante a teoria festiva e feroz dos seus libertos e seus efebos. César. Mandou esperar – queria primeiro ver minha cara. Limpa a cara! Limpa a cara! Limpa a cara! – se for bonitinho tem minha proteção, se não for, já sabe, suplício chinês! Limpei a terra, a lama das lágrimas e do sangue, esperando o veredicto do Papai Basílio. Eu era feioso: foi police verso. Não serve, tem a cara muito escrota, vapor nele! Fui arrastado, sentado à força sobre uma espécie de ralo de onde saía fumaça enquanto o Papai Basílio dava suas ordens. Vamos “Brochette”! Vamos Totó! façam Seu Agapito dar um esguicho. O Seu Agapito, que olhava divertido da sua porta, deu na manivela da máquina a vapor da cozinha do colégio e soltou sua descarga. O encanamento dava no buraco sobre o qual eu estava sujigado. Foi só um segundo, abrir e fechar, mas o bastante para a umidade ardente e gordurosa sapecar-me os fundilhos e deixar-me na calça uma rodela sebenta. Aquela estupidez, chamada suplício

chinês, coroava o trote e marcava uma espécie de sursis para o padecente. Ah! mas ainda não acabara. Encaminhei-me cambaleando até um bebedor automático, para me desalterar. (Nava, 2000, p. 302-303).

Nos períodos predominantemente narrativos, são escolhidos verbos e nomes que conotam violência, como: *indecente*, *empolgar*, *atracar*, *desabar*, *manietado*, *matilha*, *canalha*, *trovoada*. Os períodos longos, cheios de enumerações, resultam num ritmo correspondente a situações em que se perde o fôlego. Graças ao poder ilusionista da arte narrativa, o leitor pode experimentar a angústia do menino, ao sentir-se arrastado pelo período longo, porque este se desdobra como se não fosse acabar nunca. Assim, o estilo da escrita concretiza a violência do trote, vivenciada também pelo leitor. Verifica-se que este trecho é entremeado por diálogos de óbvia agressividade, alguns deles constituídos de palavras soltas, que provocam o leitor, jogando-o naquela cena cruel e propiciando ao mesmo, através da maneira peculiar com que escreve, a *ilusão* de sentir a dor dos socos e pontapés levados pelo narrador, de ser arrastado pelo corredor junto com ele, de ser atirado de um lado a outro, de *reviver* o episódio como se fizesse parte da sua própria história de vida.

Sentia-me decaído das grandezas do Anglo e rolando na malaporca de cafajestada em que virara minha vida. Apesar de eu ser o que João Tostes designava como um ‘pobrete alegrete’ – isto é, o indigente com histórias, querendo dar traque mais alto que o cu percebi, naquela hora, que minha Mãe, mesmo na nossa simplicidade, entalhara em mim, nos meus irmãos, nas minhas irmãs, certas baldas de grãos-senhor e grandes-damas que estavam entrando em choque e se arrepiando com as humilhações da realidade presente. (Nava, 2000, p. 309-310).

O uso de expressões populares – *pobrete alegrete* – e de baixo calão, como “querendo dar traque mais alto que o cu”, no trecho citado acima, em contraste com referências irônicas a um refinamento duvidoso – “baldas de grãos-senhor e grandes-damas” – funciona como auto-ironia, contrabalançando a raiva dos colegas mais velhos, que o fizeram sofrer, e mostrando, de um ponto de vista crítico, o aconchego familiar excessivo, nocivo ao indivíduo, despreparado para enfrentar a crueza da realidade.

É possível atribuir à ambiguidade de muitas das passagens das memórias a perda de controle, pelo menos parcial, do narrador sobre o enfoque do assunto tratado. O texto naviano oscila constantemente entre a perda do controle e a retomada do mesmo. A força do estilo narrativo, que torna presentes, no momento da

enunciação, sensações experimentadas no passado, por um lado, permite que o leitor vivencie as situações descritas, mas, sob outra perspectiva, induz o memorialista a um tom de autopiedade ou auto-admiração. Na tentativa de dominar sua escrita, Nava buscaria, no humor, a minimização desse tom egocêntrico. No entanto, este volta com muita frequência, enriquecendo o texto com a complexidade do *sentido* – termo compreendido, aqui, como possível significado.

Outra passagem completa o quadro de dor e o primeiro impacto ao saber que teria de viver naquele ambiente tão hostil e não havia ninguém para salvá-lo. A sensação de desamparo toma conta do narrador que, mais do que transmiti-la ao leitor, a re-presentifica: “Pensei primeiro em fugir (...). Vislumbrei então a grande solução e pela primeira vez pensei em me matar” (Nava, 2000, p. 286). Seu choque com o colégio, repleto de gente estranha, parecendo viver na base do cada um por si, esquecendo o outro, a coletividade, é tão intenso, que o narrador evoca a morte como única solução. Este impulso desesperado de escape aparece como fruto da educação extremamente repressora recebida pelo menino, à base de medos, que à força, seriam superados. A idéia da morte, na passagem anterior, associa-se à idéia da fuga como definitiva libertação. No dia seguinte, no entanto, com a euforia da manhã, foi esquecida permanecendo, contudo, a vida inteira na mente do narrador.

No colégio, Nava passou por um sofrimento inicial, intenso, todavia, breve. Porque o menino, obrigado a amadurecer, se adaptou rapidamente às regras do internato, como se pode constatar por meio dessa passagem: “Respirei, profundo, a madrugada acidulada que sentia a gosto de limão e a gosto de graviola. Àquela sensação afiada e pura, tudo foi varrido – a idéia de morte, a tristeza, o medo” (Nava, 2000, p. 312).

Na passagem citada acima, assim como nas descrições de casas em que o memorialista viveu, ele associa sensações como a amargura da alma, daquela madrugada fatídica, a limão e graviola, fazendo certas referências a cheiros e sabores (de frutas, neste caso) e a fenômenos naturais (o amanhecer) transferem para o leitor os afetos agradáveis e desagradáveis, que se misturam às lembranças do narrador.

Buscando resgatar o leitor com o intuito de ter a *ilusão direta de reviver* seu texto, Nava, para reproduzir a sensação de alívio, uma vez diluídos os efeitos do primeiro impacto, com as energias renovadas, transformadas na esperança de um

futuro promissor, encheu de poesia o discurso sobre a noite fatídica e o despertar para os dias luminosos que iria ter nos seus anos de Pedro II: "No céu o dia nascia de metal em metal. Chumbo, zinco, níquel. Barra de cobre fundindo estrelas. Ouro. Cobre. Súbito, tudo ardeu no cinábrio e no pó de púrpura em cuja glória formamos em ordem de vôo e libramos para o refeitório" (Nava, 2000, p. 287).

Ao longo da extensa narrativa a respeito do colégio, o passo decisivo para a educação do memorialista foi o fato de o menino saltar da esfera familiar à pública, passando, simultaneamente da infância à adolescência, transformação decisiva em sua trajetória de vida. O mundo do colégio era, fundamentalmente, masculino, cujas normas de conduta dependiam do autocontrole e da repressão.

Os impulsos sexuais afloravam frequentemente, alvoroçados nos estudantes que adolesciam. Na maioria das vezes, era pela via do sexo que se protestava contra a rigidez da ordem disciplinar: palavrões, masturbação, leituras pornográficas, apalpadelas etc., tudo praticado na surdina, competiam com as brigas, com a desobediência às autoridades, com as inconveniências e com outras manifestações típicas da indisciplina colegial. Sendo assim, não surpreende que a sexualidade seja tema de grande destaque no capítulo em questão, de acordo com o seguinte excerto:

(...) enchíamos as paredes do colégio e suas latrinas e suas carteiras de inscrições a lápis, a pena, a giz, a canivete – de representações fálicas, vaginais e anais, de mulheres nuas, de gente trepando; de professores e inspetores em fraldas e comendo uns aos outros. Limpavam. Tornávamos a pintar. Limpavam. Refazíamos. Nossos muros e nossas privadas refletiam uma variedade de imaginação, uma riqueza inventiva, nunca atingidas pelos grandes murais de Lascaux, Altamira, Dordogne e Covas de Pindal. Muito destas representações pornográficas eram estimuladas pelo que o Rio de Janeiro descontraído de então oferecia a toda gente. (Nava, 2000, p. 338).

Ao falar da sexualidade, o memorialista aborda o assunto de modo genérico, nunca individualiza um desenho pornográfico ou um ato que tenha praticado solitariamente. Sempre se apóia nos colegas, especialmente, em *Chão de Ferro*, no seu alterego Zegão, para tratar desta temática tão delicada, considerada, relativamente, tabu naquela época, eximindo-se da culpa pelas experiências eróticas vividas, adquirindo, desse modo, plena liberdade para narrá-las. Nava mostra-se muito reservado, nas memórias, ao retratar suas primeiras experiências sexuais em um colégio onde o sexo aflorava: “enchia o internato e se manifestava nos pensamentos, nas palavras e nos gestos dos seus alunos.” (Nava, 2000, p. 295). Com o intui-

to de não comprometer sua reputação de médico, no período em que escreveu as memórias, o autor fez do narrador-personagem Pedro Nava uma figura muito correta, disciplinada e até injustiçada. Ao Zegão era permitido um caráter mais humano, cometer erros, *viver* a vida mais intensamente, a ele foram atribuídos todos os supostos defeitos.

Percebe-se que esse controle da boa imagem do narrador vai-se afrouxando em função da própria elaboração estilística, na qual o excesso de enumerações de quase sinônimos e a insistência em imagens fálicas denuncia seu prazer nunca explicitamente admitido no tratamento do tema. Tal comportamento enunciativo configura-se como estratégia de controle da memória e do texto em que o narrador descreve a sua primeira experiência sexual em *Chão de Ferro*.

A rememoração da adolescência, na velhice, ao optar pela escrita presentificadora, levaria ao afastamento das avaliações convencionais. Claro que, como o texto oscila entre o rigor autocrítico e os deslizamentos de perda do controle, o leitor é surpreendido, em vários momentos, por derrapagens para terreno preconceituoso.

As normas disciplinares, as atividades do dia a dia, o relacionamento entre os alunos e destes com o corpo docente e com as autoridades do estabelecimento, as matérias do currículo, os professores, as aulas, nada escapa à pena do narrador experiente que vai conduzindo os fatos sob seu controle ou sob o controle da memória involuntária. Caminhando com Nava, deixando-se afetar por suas experiências escolares, vamos, por suas mãos, ao bairro de São Cristóvão, onde se localizava o colégio, às suas ruas e suas casas e ao Rio de Janeiro da *belle époque*, cuja fisionomia aparece nitidamente em meio ao relato dos tempos de secundarista do escritor.

O colégio funcionava com base nas cátedras. De um lado, figurões como Antenor Nascentes, João Ribeiro e Silva Ramos; de outro, meninos descobrindo a vida, aos poucos, amadurecendo. Os professores do Pedro II primavam pelo gosto da exposição dos assuntos, pela erudição, pela performance em sala de aula, pela gestualidade exaltada, tão propícia à caricatura. O ensino era muito rígido, ministrado à moda antiga: os professores viviam tomando o ponto, escolhido nos manuais indicados, as chamadas orais eram cotidianas, os exames presididos por bancas, a relação entre as notas de comportamento e as punições firmes e constantes. O ensino não era democrático e os alunos não tinham o direito de fazer quaisquer questionamentos, sendo interpretados como insolências e os estudantes

perdiam o direito de sair nos finais de semana, caso desrespeitassem o professor, como ocorreu com Nava, em seu primeiro dia de aula, quando perguntou ao professor qual matéria ele lecionava e, por isso, ficou sem saída. O menino havia chegado de um colégio de educação inglesa e democrática, em que os professores se apresentavam diante dos alunos como amigos e havia liberdade e diálogo entre eles: “É bom lembrar também que eu estava chegando do Anglo, onde não havia bedéis e onde o organograma moral punha os professores e os garotos em contato direto.” (Nava, 2000, p. 305).

O Pedro II destinava-se à formação das elites brasileiras. Por ele passaram futuros escritores, diplomatas, advogados, médicos, militares de alta patente, engenheiros, políticos, presidentes da República, etc. O currículo favorecia o estudo das humanidades. Português, Geografia, Latim, Desenho, Francês, Espanhol, Inglês e História, de um lado; Aritmética, Biologia, Química e Física, ou seja, as ciências, ministradas em doses menores, de outro. Foi lá, que Nava despertou sua vocação para a Medicina. Os anos vividos no Pedro II foram realmente decisivos na formação do escritor.

Quando chegavam as férias, fazia por conta própria o trajeto Rio – Belo Horizonte e vice-versa. Cinco anos passados num só colégio completaram um ciclo de vida, daí que a narrativa se estenda muito mais do que as recordações das escolas anteriores ao internato.

Sempre contando com a ajuda do seu vasto arquivo pessoal, o escritor dispunha de uma extensa e preciosa documentação, que o auxiliou em seu processo de escritura. Como um colégio muito famoso, de grande prestígio, o Pedro II já tinha encontrado seus historiadores e sido glosado na prosa de outros memorialistas. Nava demonstra, nas inúmeras páginas que dedica ao colégio, as reminiscências felizes, oriundas do sentimento de honra de ter pertencido ao quadro discente de um estabelecimento de ensino que, durante muito tempo, foi símbolo da Pátria, motivo de orgulho nacional, marco da educação brasileira.

O memorialista retrata, com habilidade, sempre convidando o leitor a adentrar o texto através das metáforas e das descrições detalhistas, na tentativa de reconstituição dos ambientes e do tempo, as passagens cômicas, as situações de dificuldade, os desafios da aquisição do saber, os amores e os ódios cultivados entre as quatro paredes do internato. Assim, sempre ou na maioria dos relatos, vai produzindo presença para um leitor arguto, que saberá aliar essa proposta de leitu-

ra à atividade de produção de sentido e à percepção da simultaneidade dos dois aspectos anteriormente mencionados, Através das nuances originárias da recepção, o leitor estabelece um diálogo intenso com o narrador-autor, jogando o jogo textual proposto por este, o que torna as memórias, obra artística peculiar.